

MEMÓRIA HISTÓRICA E DOCUMENTADA DA REVOLUÇÃO DA PROVÍNCIA DO MARANHÃO DESDE 1839 ATÉ 1840

Domingos José Gonçalves de Magalhães

Capítulo I

Observações preliminares

Nada há que espantar nos deva nesta série de rebeliões que desde a época de nossa independência até hoje têm arrebatado nas províncias do Império. Os povos livres, e os que procuram ser, se removem continuamente, ambiciosos do bem sonhado, e impacientes do que lhe escapa; mas ativa e vertiginosa é sua vida, e sujeita às alterações provenientes do exaltamento das idéias; além de que vivemos em época de transição, em que pensamentos de reformas são os que ocupam o espírito humano. Estrangeiras são as nossas instituições, mal e intempestivamente enxertadas, avessas aos nossos costumes e naturais tendências, e em desacordo com a vastidão de um terreno sem amanhã, e diferenças inconciliáveis de classes. O caráter transitório do tempo e a convicção de sua instabilidade de tal modo sobre nós tem operado que, nas nossas dúvidas, em contínuas expectativas e malogradas experiências, quase que perdemos a fé do futuro. Se porém, aos olhos do filósofo, tais acontecimentos, conseqüências legítimas de princípios conhecidos, facilmente se explicam, o mesmo não sucede ao vulgo, a quem se apresentam os fatos desligados de suas verdadeiras causas, supondo assim outras, e muitas vezes exagerando aquelas que lhe embute a perversa política dos partidos; e essa mesma falsa política do tempo gerada em cabeças ambiciosas e dominadas pelo espírito efêmero da época, tem propagado o ceticismo, e impellido o Brasil no desfiladeiro das rebeliões.

Qualquer que seja o pensamento da época, nobre ou vil, nunca das classes inferiores se eleva às culminantes; nestas se ele germina, e daí, como o contágio, se vai estendendo até a choupana, donde reage.

Este texto foi publicado originalmente na *Revista Trimensal de História e Geographia*, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no número do 3º trimestre de 1848. Ao reproduzi-lo, preservamos ao máximo suas características originais, apenas atualizando, quando imprescindível, a ortografia. (Nota da redação)

Empregam os nossos políticos todos os vergonhosos meios para dos públicos lugares arredar os seus antagonistas e rivais; de tudo se há abusado; o jornalismo, esta potência do bem e do mal, é entre nós um famoso libelo infamatório a todos os poderes e a todas as capacidades; é o punhal do assassinato moral, que fere publicamente, não derrama sangue, mas a honra e o brio, que mais valem; alcançado o fim, que é a desmoralização do povo, renegam eles a sua obra, como o devasso pai que não quer reconhecer o torpe filho da impureza. Mas quando? depois de terem posto tudo em conflagração! Como a ambição e a ousadia são entre nós as medidas da capacidade, e o momentâneo interesse do partido a sanção do merecimento, julgam-se todos com aptidão para tudo.

Tem-se feito da política uma ciência oculta, misteriosa e empírica, sem regras fixas, sem princípios; uma ciência estratégica de ataque, e não de defesa, e na qual são iniciados certos adeptos com quase exclusão da honra, de modo que quando se quer dizer que alguém é político, diz-se indiferentemente que é fino ou velhaco. O sistema do egoísmo santificado presta-se a todas as interpretações; e já poucos se pejam de ostentar procederes que outrora se reputaram crimes. Afinal para selo das nossas vergonhas, inventou-se o célebre sistema das transações, que cifra-se todo em um tráfico da justiça: *quem nada tem, nada alcança*. Todos os poderes são arrematantes de direito. Assim na decadência do império romano se punha em leilão a coroa cesárea!

Nenhum partido representa entre nós idéias fixas, as quais também não representam as necessidades do país; cada qual afaga aquelas que melhor se prestam no momento para derrubar o estabelecido. Mas o estabelecido não é obra do tempo, triunfar do partido oposto é a única mira dos pleiteantes. Prolonga-se a luta, e leis se fabricam segundo os caprichos dos vencedores.

Tal é o tempo em que vivemos, tal é a lição histórica que das nossas desordens se colige. Disto tudo procede, e a duração periódica destas revoltas documenta o exposto, combinando perfeitamente com o caráter da época. Entretanto não nos assustemos, desta mesma fermentação das coisas deve nascer o espírito de ordem que esclarecerá o futuro.

Se as cenas de que somos testemunhas gravadas ficam em nossa memória, nem por isso dispensam a narração delas para o futuro; porque devem nossos filhos instruir-se com a lição do passado, e saber por que alternativas passamos, que lutas tivemos, que tropeços encontramos, a fim de que, se possível for, evitem os males que sofremos, e prezem o legado que à custa de fadigas nossas lhes transmitimos: e como no meio mesmo da geral corrupção nunca deixa de aparecer algum coração nobre e generoso, convém que não pereçam no abismo do esquecimento estas virtudes peregrinas, que tanto edificam, e que são os mais preciosos dons que a providência outorga aos homens. Por isso tomo sobre mim escrever a história da rebelião da província do Maranhão, a qual manifestou-se em dezembro de 1838, posto que suas causas morais tenham mais anterior data.

Não é missão da história lisonjear paixões; e bom fora que disto se convencessem os que governam ou alguma autoridade exercem, que tão descuidados andam do futuro, como se nunca se lhes devessem tomar ajustadas contas: tratando eu de contemporâneos, já espero que alguém se dê por muito agravado, mas aí vão os fatos e os documentos para juízes imparciais, e sobra-me a consolação de não faltar à verdade, sem agravar muitas culpas. Custa-me na verdade, depois de passados os males, estar agora a relatá-los; mas estes passados males deixam uma

chaga aberta, que ainda goteja, e um eco de dor para o futuro: inútil não é o estudo do passado.

Capítulo II *Usos e Costumes do Maranhão*

Antes de historiar é mister conhecer os homens, classes, usos e costumes do país que nos atrai a atenção, porque tais coisas são de grande importância para o peso dos fatos e inteligência de muitos, que sem este prévio conhecimento pareceriam, à primeira vista d'olhos, inexplicáveis. Computa-se a população desta província em duzentas e dezessete mil almas, entre brancos, mesclados e negros, espalhados em uma superfície de mais de oitocentas léguas quadradas. Seu terreno, posto que fértil, como o de todo o Império, é pouco cultivado; copiosas chuvas o regam desde dezembro até junho, e neste tempo pluvial, a que só por isso chamam inverno, ligam-se as semanas sem a intermitência de um dia seco; alagam-se os campos, crescem os rios, que são muitos, e as estradas inundadas tornam-se de difícil trânsito: tal peste de febres se desenvolve em princípios e fins das águas, que somente os afeitos ao clima úmido e quente podem resistir.

É o principal gênero de lavoura o algodão e arroz, e para isso empregam numerosos braços de africanos escravos¹, os quais são tratados com tão bárbaro rigor, que até o necessário sustento lhes negam: uma espiga de milho é o seu almoço, arroz e farinha o jantar, do mais lhes fornecem a rapina e a caça; andam nus ou cingidos com uma pequena tanga, salvas as poucas exceções; e por isso procuram os escravos subtrair-se ao jugo do senhorio.

Tudo o que é colher sem martirizar a terra com meios de indústria adotam os Srs. fazendeiros, pouco cuidadosos de melhorar a lavoura; e por isso toda a província está coalhada de fazendas de criação de gado vacum, em cujo trato e para a salga das carnes e couros se ocupam cardumes de homens ociosos, sem domicílio certo, pela maior parte de uma raça cruzada de índios, brancos e negros, a que chamam *cafuzos*, os quais são muito amantes desta vida meio errante, pouco dados a outros misteres e muito à rapina e à caça, distinguindo-se apenas dos selvagens pelo uso da nossa linguagem, São estes homens de cruel índole pelo hábito de pasturar e matar o gado, consumindo o resto da vida em ócio ou em rixas. Desta gente bruta há grandes manadas nesta província, e assim nas do Piauhy e Ceará, análogas a estas pelos usos e costumes, Muitos dos Srs. fazendeiros, à imitação dos antigos barões, vivem sem respeito algum às autoridades, vingando-se por suas mãos de particulares insultos, e acoutam em suas terras os facinorosos que buscam o seu abrigo, e que em tudo se prestam às suas vinditas. De tal gente se escoltam e se fazem temíveis, e tão fácil lhes é ordenar um assassinato, como o negar uma dívida, ou ao menos não pagar aos credores, os quais por sua vez, se podem, não duvidam empregar os mesmos meios para haver os seus bens. Esta é a gente que incitada nos fez a guerra, é ela a que compôs o exército da rebeldia.

Em remate deste artigo de costumes, direi que de todos os povos que visitei, de todas as províncias do Império em que estive, a do Maranhão, excetuando a sua capital, é onde menos se acata a religião. As luzes do cristianismo parece que ainda não penetraram essas vilas de tetos de palha, e essas choupanas esgarradas em tão vasto território: pobres pardieiros com o nome de igrejas, ermas de fiéis, apenas aninham as corujas, morcegos e mais aves noturnas, cujas imundices cobrem o chão sem assoalho, e até os mesmos altares; um vapor pútrido, como o

(1) Em uma carta do Sr. Joaquim José de Siqueira, negociante da praça do Maranhão, impressa em Londres em 1850, calculando em oitenta a noventa mil os africanos desta província, diz: mesmo assim, atualmente com esses oitenta ou noventa mil escravos, produz o Maranhão, cinquenta a sessenta mil sacas de algodão, que pelos preços atuais importam de oitocentos a novecentos contos de réis. Desta produção uma terça parte se vai em dízmios e direitos de exportação, ficando líquidos para os lavradores quinhentos e cinquenta a seiscentos contos. A exportação de arroz será talvez hoje do valor de cento e sessenta contos pouco mais ou menos; e eis aqui toda a cultura de exportação destes oitenta a noventa mil escravos, cujo resultado feito não dá ao lavrador por cabeça nove mil réis por ano!

hálito da peste, se exala do santuário deserto, e tão miserável é o seu aspecto, que parecem monumentos de zombaria ao mais sublime dos sentimentos humanos. Nós vimos e lastimamos o que escrevemos! O que se pode esperar de homens não domados por nenhum freio? A província do Maranhão tem sido por vezes teatro de rebeliões e testemunhas de outras nas províncias limítrofes, e não são poucas as que precederam a esta.

Capítulo III

*Do estado da província antes da rebelião e da presidência do Sr. Camargo;
grande oposição aos atos do seu governo*

Achava-se em paz esta província quando da presidência tomou posse o Sr. Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, em 3 de março de 1838, sucedendo ao capitão-de-mar-e-guerra Francisco Bibiano de Castro; assim confessou o novo presidente em seu relatório²: "É cheio da maior satisfação (diz ele) que tenho de anunciar-vos que a paz e tranqüillidade reinam em toda a extensão do território maranhense". E como que o chamava a sorte para ser a causal da rebelião, quis de antemão justificar o povo de qualquer excesso, dizendo: "O bom senso, o amor do trabalho, que distingue o povo que nele habita (no Maranhão); a lembrança dos males por que tem passado, e daqueles que de um modo tão terrível afligem os filhos menos felizes de outras partes do continente brasileiro; a experiência adquirida neste tirocínio de infelicidades, de que com meios extra-legais, em vez de melhorar-se, agrava-se a sorte do povo, tem feito da paz uma necessidade; e eu posso com afoiteza assegurar-vos e ao Brasil inteiro, que em nenhuma outra província o delírio da demagogia, seus princípios subversivos, e seus execrandos excessos, encontraram uma barreira mais insuperável, uma mais uniforme coalizão de esforços para rebatê-los". Como tantas bondades desaparecem em nove meses? Enganou-se; não conhecia o povo a cuja testa se achava, ou então deu ele causa à rebelião, que daí a nove meses arrebentou na província. Forte oposição se manifestou à administração do Sr. Camargo, oposição em parte despeitosa, porque os que então compunham o partido do governo, antes de subir aos públicos lugares fortemente haviam atacado como opositoristas o governo do senador Antônio Pedro da Costa Ferreira, pessoa cara ao partido que agora em desforra os guerreava. Um pequeno jornal com o título de *Bemtevi*³, escrito em linguagem popular, atraiu grosso partido: atacava o presidente, e a lei dos prefeitos, criação nova, que por indicação do presidente tinha passado na assembléa provincial. Tinha o Sr. Camargo, em seu relatório, despejado sobre os juizes de paz todos os opróbrios, descrevendo-os deste modo: "É impossível que deixeis de conhecer todos os excessos cometidos pelos juizes de paz. Abri a sua história, e vereis cada página manchada com os fatos os mais monstruosos, filhos da ignorância e da maldade, um luxo de arbitrariedades e perseguição contra os bons, inaudita proteção aos maus, e porfiada guerra às autoridades".

O *Bemtevi* por sua vez empregava a mesma sanha contra os prefeitos: depois de os pintar como autoridades absolutas iguais aos *comandantes gerais e capitães-mores*, termina assim um artigo⁴: "Um prefeito tem espalhados tantos quantos oficiais de polícia (espião) ele quer, para saber do que se passa fora e dentro das casas! Adeus sagrado das famílias! Os prefeitos chamaram e corromperam nossos escravos para dizerem tudo que em nossas casas se faz e se diz, e acrescentarem o mais que nem se faz, nem se diz! Com uma autoridade tão absoluta quem se julgará seguro! Quem os poderá ter mão! Mil maldições pesem sobre a cabeça

(2) Relatório à assembléa provincial, de 3 de maio de 1838.

(3) Redigido pelo ex-deputado Estevão Raphael de Carvalho.

(4) Número 4 do *Bemtevi*, de 11 de julho de 1838, p. 15.

de quem pediu e sancionou uma tal lei! Mil maldições pesem sobre as cabeças dessa maioria da assembléia que fez tal lei!". Não podia esta linguagem violenta e animada deixar de abalar os ânimos. O presidente era acusado de imbecilidade, e que como um autômato se deixava dominar pelo seu secretário e por certas influências, que só punham a mira no ganho e na dilapidação da fazenda pública; nem se esqueceram de publicar a sua biografia pouco favorável⁵, e o acusaram até de impiedade, por haver enxugado as mãos em uma toalha riquíssima de cambraia, que servia no altar da Santa Casa da Misericórdia em dias solenes⁶. Um jornal governista desapiedadamente insultava a oposição em linguagem trivial e grosseira. Dividiu-se a população em dois partidos rancorosos, os *bemtevis* e os *cabanos*⁷, e nos braços do segundo entregou-se o governo, que em meio devera permanecer e equilibrá-los. Governo partidário é sempre injusto. Os ecos do queixume da província tinham chegado à corte e eram repetidos pelos jornalistas. Mais se excitava toda esta cólera dos partidos pela ambição do mando e dos lugares, e pelo desejo de triunfar nas eleições: os que de cima estavam pela influência do partido não queriam descer, os outros queriam subir, trocavam-se insultos, até que afinal sucedeu à infame guerra de palavras o grito da rebelião e da guerra civil.

(5) Número 28 do *Bemtevi*, de 3 de outubro de 1838.

(6) *Bemtevi*, nº 20 de 5 de setembro de 1838.

(7) Esta denominação lhes foi dada pelo contrário partido em tempo da presidência do senador Antônio Pedro da Costa Ferreira, por analogia aos cabanos rebeldes do Pará. Chamam-se cabanos naquela província os sertanejos ou habitantes das cabanas, gente rústica e feroz, que capitaneada pelos Vinagres e Eduardos causaram a desgraça do Pará em 1834 e 1835. De Pernambuco passou esta denominação de cabanos para o Pará, e dali para o Maranhão.

Capítulo IV

Rompimento da desordem tendo à sua frente o vaqueiro Raymundo Gomes; seu caráter e importância social. Primeiras providências do governo.

Aos 13 de dezembro de 1838 na vila da Manga, situada na margem esquerda do Iguará, comarca do Itapucuru, apresentou-se um certo Raymundo Gomes, homem de cor assaz escura, acompanhado de nove de sua raça; arrombaram a cadeia da vila e soltaram os presos criminosos. Existiam na vila vinte e tantas praças às ordens do subprefeito, as quais iscadas do mesmo espírito, incorporaram-se a Raymundo Gomes: começou logo este rebelde a prender comissários, e a pregar contra os prefeitos e contra o presidente, a quem pretendia derrubar, e em seu lugar levantar o vice-presidente, conhecido por opositorista. Que mão oculta dirigia este drama não se pode duvidar. Era Raymundo Gomes incapaz de tomar por si uma tal resolução, posto que por seus hábitos muito próprio para executá-la. Nascido no Piauí e filho dessa raça cruzada de índios e negros de que tratamos, criado no campo entre o gado que pastorava, prestando a sua faca às vinganças próprias e alheias, leigo nas letras humanas, apenas conhecido por alguns assassinatos de que impunemente vivia, manchado pela perversidade dos costumes que relatamos e ineficácia das leis; não se arrojará a perturbar a tranquilidade pública por motivos políticos, sem estranho impulso; e quando ousasse, abortaria a sua audácia a não encontrar o decidido apoio, que incontestavelmente lhe foi dado. Instrumento estúpido de um cego partido que cuidou poder, quando lhe aprouvesse, fechar o dique da cólera popular, Raymundo Gomes, o vaqueiro assassino, converteu-se em chefe do partido bemtevi! E os que o levantaram do pó da terra envergonharam-se de sua obra.

Chegou a nova deste fato à capital da província, e um dos informantes escreveu: "Parecerá talvez à V. Exa. que tenho dado maior importância do que deveria a semelhante acontecimento, o que não duvido; mas é porque ainda tenho em fresca memória as desgraças e penosos sacrifícios que custaram à província as desordens de Antônio João Damasceno⁸, que não tiveram por certo melhor princípio de que esta". Mandou logo o presidente trinta praças sobre os sediciosos, que

(8) Chefe da revolta em 1832.

tarde chegaram pela grande distância. Entretanto só no fim de cinco dias da data da revolta se ergueu naqueles contornos uma força de quarenta homens para sufocar a rebelião. Raymundo Gomes e os seus, protegidos pelos vereadores da câmara da vila da Manga e pelo juiz de paz Coelho, evadiram-se no dia 17, levando armamento e petrechos roubados, puseram-se em marcha via da Chapadinha.

Assim pois nove criminosos assassinos impunemente passaram, roubaram e proclamaram em uma vila por espaço de cinco dias, e não apareceu quem lhes resistisse!

Capítulo V

Do procedimento do Sr. Camargo, parte falsa dada ao ministério, sua demissão

Os que governam por meios oblíquos e tortuosos estimam às vezes estas revoltas de pouca monta em princípio, porque no triunfo delas ganham popularidade e mostram energia ante os olhos dos amedrontados, que são muitos. Fez o presidente Camargo publicar no jornal oficial⁹ todas as participações deste fato que do interior da província lhe foram dirigidas, encheu-se de susto a capital; o temor aumentou o perigo, e os facciosos cobraram ânimo para novas tentativas; e no meio de geral receio ele só tudo confiava e esperava de seus prefeitos, talvez convencido que com pouca água se extinguiria o incêndio, baldo de combustíveis, fatal erro que deu origem a tantas calamidades! E como o grito dos sediciosos era exarado contra ele e sua administração, conveio-lhe apresentá-los como um bando de salteadores, sem cor política. Na verdade não mereciam eles outro título; mas eram os atradores de um partido descontente, que os impelia, e o núcleo da rebelião, que foi engrossando pelo pouco caso de uns e temor de outros.

O presidente Camargo oficiando¹⁰ para a corte ao ministro do Império, e relatando todo o acontecimento, ajunta desdenhosamente: "Desta povoação (a Chapadinha) consta que se evadiram de novo os *rebeldes* ao aproximar-se a força encarregada de os bater, e conquanto ainda não se saiba o ponto em que se tenham estabelecido, marcha *tanta tropa* em seu seguimento, que é muito provável que *até se consiga a capturação de todos eles*. É do meu dever certificar a V. Ex. que este tumulto, desprezível pelos indivíduos que nele figuram, insignificante pela fraqueza dos meios do que podem dispor, a esta hora estará terminado, *notícia que brevemente transmitirei a V. Ex.*". Cabia aqui uma reflexão, mas continuemos a ler esta parte: "Entretanto semelhante acontecimento nenhuma alteração fez na ordem, nenhum abalo deu nos ânimos, e *nem uma consequência promete etc.*". Eis como se antolharam as coisas a este presidente pouco providente, ou ao menos pouco sincero e cauteloso. Ele havia prometido transmitir com brevidade a notícia do fim do que ele chamava *tumulto*, e com efeito logo no seguinte mês escreveu para a corte¹¹ que os rebeldes tinham sido destroçados, e diz: "Perseguidos continuamente aqueles malvados pelas tropas enviadas desta capital e de diversos pontos da província para batê-los, viram-se obrigados a atravessar o rio Parnahyba, em um ponto a quatro léguas distantes da vila do mesmo nome, na província do Piauhy; mas o respectivo prefeito¹², que com antecedência eu tinha mandado prevenir, saindo-lhes ao encontro com cento e cinquenta homens, os desbaratou, matando e ferindo não poucos, aprisionando alguns, e afugentando outros, que mais cedo ou mais tarde serão também presos, pois são bem conhecidos. Com a aniquilação destes desordeiros ficou a província no gozo da mais completa tranqüilidade; pe-

(9) *Publicador Official* de 29 de dezembro de 1838.

(10) Ofício do presidente Camargo de 8 de janeiro de 1839.

(11) Ofício do presidente Camargo, de 16 de fevereiro de 1839, ao ministro do Império Bernardo Pereira de Vasconcellos.

(12) O coronel José Francisco de Miranda Ozorio.

dindo a verdade que assevere que ainda mesmo quando eles se acharam com as armas nas mãos, pouco abalo no sossego e confiança pública davam à vista das providências que a tempo foram empregadas, e prometiam o resultado que por fim viemos a colher". Esta participação decerto não foi inspirada pela boa fé, porquanto foi feita dez dias antes da chegada do novo presidente que o vinha substituir, e por quem já o presidente Camargo esperava quando traçou o primeiro ofício anunciando que brevemente daria satisfatórias notícias.

Nada se havia colhido de suas providências; Raymundo Gomes, posto que repellido pelo prefeito da Parnahyba, existia em campo, assolando de novo o interior do Maranhão, de volta do Piauí, e tudo se achava em pior estado. Mas é manhã dos governantes temporários justificar a sua administração e carregar sobre os seus sucessores os males que deixam.

Capítulo VI

Posse do novo presidente o Sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello; seu engano, grande desenvolvimento da rebelião, aparecimento do Balaio, destroço dos Angicos, temores de ser a capital sitiada.

Em 26 de fevereiro chegou ao Maranhão o novo presidente o Sr. Manoel Felizardo de Sousa e Mello¹³, para substituir ao Sr. Camargo. Tomou posse no dia 3 de março, aniversário da posse de seu antecessor; e por este influenciado, acreditou que a província estava em paz, e escreveu para a corte¹⁴: "A província goza de tranqüilidade e sossego, *estado que parece duradouro, atenta a boa índole dos seus habitantes*". E logo daí a onze dias¹⁵ viu-se obrigado a desmentir a parte que inadvertidamente havia dado pela sua muito boa fé em palavras de interessado, quando a corrupção dos nossos costumes pedia mais critério e malícia.

Repellido Raymundo Gomes da Parnahyba, atravessou o rio do mesmo nome, e com maior séquito apresentou-se na comarca do Brejo: outro rebelde à frente de numeroso grupo começou a ter nomeada pelas suas atrocidades; foi esse o célebre Balaio¹⁶, que deu seu nome a todos os rebeldes. Motivos de vingança o arrastaram às fileiras da rebelião. Contam que duas filhas suas tinham sido desfloradas por um certo Guimarães¹⁷, oficial de comissão que da vila do Itapucurimirim marchara com um golpe de gente para atacar Raymundo Gomes na Chapadinha logo em princípios da revolta. Balaio, posto que de baixa esfera e pobre, assim ferido na sua honra, jurou lavar com sangue a nódoa de suas filhas; cheio de indignação publicou a sua desonra, excitou o ânimo dos amigos e conhecidos, atraiu gente, e repetia a linguagem dos facciosos, que aqueles homens da legalidade, vendidos aos portugueses, queriam exterminar os de sua cor; que suas vidas, honra e bens, pátria e liberdade, não tinham outros recursos senão as armas: e destarte colocou-se Balaio à testa de uma enxame de rebelados, e começou a semear por onde passava destruições e mortes. Nenhum outro o avantajou nas crueldades, que muito o enfurecia a sede implacável da vingança. Já então dizia-se que a força inimiga subia a quatrocentos homens, e daí progressivamente foi sempre aumentando: evitando o encontro com as nossas tropas, só cuidavam os seus chefes de roubar as fazendas, armar-se e engrossar as suas turmas com quantos se iam levantando e aderindo à causa da revolta, cujo espírito, emanado de um partido da capital da província, ia achando corpo em toda a sua extensão. Correspondências e insinuações se apanharam em poder de emissários capturados, que provam o que escrevemos.

(13) Tinha sido presidente do Ceará, donde fora removido para o Maranhão.

(14) Ofício do presidente Manoel Felizardo, de 4 de março de 1839, ao ministro do Império Bernardo Pereira de Vasconcellos.

(15) Ofício do presidente Manoel Felizardo, de 15 de março de 1839, ao ministro do Império Bernardo Pereira de Vasconcellos.

(16) Manoel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio, assim apelidado pelo seu ofício de fazer e vender balaíos.

(17) Antonio Raymundo de Guimarães.

Aproximava-se o Balaio da vila do Rosario, na margem esquerda do Itapucuru, e seus habitantes amedrontados com esta nova, evacuaram a vila, e se refugiaram uns na fortaleza de Vera-Cruz, a meia légua de distância na margem do mesmo rio, outros na capital, deixando suas casas entregues ao furor daquela cáfila.

Aos 15 de março de 1839 o presidente Manoel Felizardo mandou o major Feliciano Antônio Falcão, oficial de grande crédito pelas qualidades de sua pessoa, e com ele uma força de quarenta homens, e o nomeou comandante em chefe das tropas da legalidade, as quais eram de duzentas e cinqüenta praças; e porque cada vez mais crescia o susto e o número dos rebelados, expediu no dia 21 do mesmo mês um iate e um lanchão com sessenta e três homens e marinheiros pelo Munim até a vila do Icatu, com o fim de protegê-la.

De pouco proveito eram estes mesquinhos socorros, porque os rebeldes não se davam em ataque, e sempre errantes, de emboscada caíam sobre as nossas pequenas partidas e logo deixavam o campo, tanto que as debandavam. Um grande dano recebemos então: o capitão Pedro Alexandrino, que à frente de cento e setenta e três praças se achava no lugar denominado Angicos, comarca do Brejo, tendo aí feito junção com o tenente-coronel João José Alves de Sousa, foi assaltado inopinadamente pela força do Balaio, passante de mil homens, que os destroçou completamente; e aí praticaram os rebeldes atos de horror, arrancando os olhos, cortando as orelhas e pedaços de carnes ao capitão Alexandrino, ao tenente-coronel Sousa e a outros oficiais nossos, ainda vivos, que assim atrozmente martirizados morreram no meio das maiores angústias: os que escaparam com vida das cento e setenta e três praças, foram por eles capturados, e com eles se ligaram. A nova deste desastre infundiu o susto em todos os ânimos, e as boas esperanças se desvaneceram. Começou então o presidente Manoel Felizardo a ver quão falsas eram as suas conjecturas, inspiradas pela má fé, e mandou cobrir a capital com fortificações e cruzar algumas canhoneiras, temendo que se passassem os rebeldes à ilha do Maranhão e tomassem a capital; e como já anteriormente houvesse reclamado socorro de tropas a algumas províncias, chegou-lhe por aqueles dias um batalhão de Pernambuco forte de trezentas e vinte praças, que logo fez marchar para o interior. Já então lavrava o boato de que se achava a cidade de Caxias sitiada; e os rebeldes, em crescente número, cada vez mais audazes pelas vitórias havidas, a maiores empresas se arrojavam, deixando após si o pranto, a morte, a destruição e o incêndio; e quantos a eles se não ligavam iam sendo vítimas de sua brutal ferocidade.

Capítulo VII

Caxias, seu assédio e desastres

Caxias, outrora Aldêas-Altas, era o florescente empório do interior do Maranhão e Piauí, a mais rica e comercial cidade da província depois da capital, notável pelo luxo dos seus habitantes e descomedimento de muitos, e mais notável ainda por ser o teatro de contínuas e diuturnas vinganças e assassinatos; demora a sessenta léguas ao sueste da capital, na margem direita e oriental do Itapucuru, tendo em seu rosto na oposta margem a freguesia da Trezidella, que a domina. Em toda a longa extensão deste rio principal se descobrem propriedades, fazendas, aldeias e vilas; e como o terreno que devassa é o mais fértil e muito cortado por seus braços, a que chamam *igarapés*, é também a parte a mais povoada e a mais rica de todo o Maranhão. Só a escravatura computa-se em cerca de vinte mil africanos; o que muitas vezes ameaça o sossego público, subtraindo-se parte dela ao jugo do senhorio, e aquilombando-se nas matas, donde em sortidas vão roubar as

fazendas circunvizinhas, sendo necessário força armada para capturá-los; e não foi isto em dos pequenos males da presente rebelião, porquanto, fugitivos os Srs. fazendeiros, deixavam à mercê dos rebeldes seus casais e escravos, e estes se aproveitaram do ensejo para fugir ao trabalho das lavouras devastadas, e foram acoutar-se daquele lado da costa entre a barra da Tutoya e Priá, onde em um número passante de três mil, e capitaneados pelo negro Cosme, tido por feiticeiro, grandes devastações fizeram; e disto trataremos em mais competente lugar, que por enquanto se iam eles para aí acumulando, sem atrair a atenção do governo, todo ocupado em negócio de maior monta.

Caxias, a cidade do crime, o refúgio dos facinorosos, o domínio dos pequenos pachás, que a seu grado decidiam das alheias vidas, estava acostumada a ver assassinatos todos os dias. Almas piedosas lhe auguravam grandes desgraças em punição de seus crimes, e quis Deus que ela fosse o teatro sanguinolento de todos os horrores da rebelião, talvez para correção de seus costumes depravados e seus futuros melhoramentos.

Tudo em Caxias atraía os rebeldes; sua mesma posição central, suas riquezas, munições, simpatias e imoralidade convidavam a que fossem sitiadas.

Toda a população errante e aventureira das comarcas do Brejo, Itapucuru, Caxias e Pastos-Bons, excitada pela cobiça, tinha engrossado as partidas dos facciosos, e seu número avaliava-se em seiscentas cabeças, que cercaram a malfadada Caxias, todas meditando a sua ruína.

Marchavam para socorrê-la o major Falcão com a gente do seu comando de guardas nacionais e de polícia, o major José Thomaz Henriques à frente do seu batalhão de Pernambuco, e tudo montava a setecentas praças debaixo do comando em chefe do tenente-coronel Junqueira: estava em caminho pela estrada de Caxias, quando a infeliz nova chegou à capital de que aquela cidade se tinha rendido à força sitiante, e que o sangue corria em todas as suas veias; ao mesmo tempo para cúmulo de infelicidades outra nova propagou-se de que mil rebeldes vindos da Parnahyba intentavam desembarcar na ilha do Maranhão e atacar a cidade de São Luiz, capital da província. Tão fatais notícias foram dois golpes mortais nos ânimos dos seus habitantes, que, assim perdidas as esperanças, varados de susto, já se julgavam nas garras daqueles monstros sanguinários, e logo foram tudo dispondo para a sua fuga. Não menos o presidente Manoel Felizardo viu-se perplexo no meio de tantos terrores a um tempo espalhados, e esquecendo-se das desgraças de Caxias, mandou para tranqüilizar os ânimos, contramarchar a força de setecentos homens que já em caminho estava para aquela cidade, com o fundamento de cobrir e defender a capital de qualquer invasão, que muito se receava. Pediu mais gente às províncias do Sul, mandou a escuna *Legalidade* ao Pará com o mesmo fim, mandou desmontar e encravar a artilharia da fortaleza de Santo Antônio da Barra e a do baluarte da cidade; tanto era o medo que dela se servissem os rebeldes em tomando a capital, que por assim dizer já com antecedência o terror lhes entregava! Algumas destas medidas de nenhum modo podem ser relevadas: a contramarcha da força, o desmontamento e encravamento da artilharia, mostram inconsideração ou grande falta de confiança nos habitantes da capital, na qual além de sua posição elevada, cercada de água, e de fácil defesa, havia dois batalhões de guardas nacionais, e muita gente que podia pegar em armas. Entretanto Caxias nadava em sangue; vida, bens e honra, tudo ia sendo devorado pelas hordas devastadoras, que friamente as maiores crueldades praticavam sem piedade da infância, da velhice e da virgindade.

Entre os terríveis canibais notava-se o feroz Ruivo, que fazia garbo de andar coberto de sangue e de apregoar o número de seus assassinatos perpetrados no dia. Em dinheiro e fazendas computa-se o seu prejuízo em quatro mil contos: bem caro pagou Caxias seus crimes passados. Muitos viram neste flagelo a maldição celeste invocada pelas vítimas de sua perversidade; que assim castigou o Céu os reiterados crimes de uma raça prevaricadora; assim muitas cidades se aniquilaram; assim destas desgraças colhem os homens grandes e terríveis lições para o futuro. Praza ao Céu que esta se não perca.

Capítulo VIII

Da tomada de Caxias, o que aí se passou: emissários dos rebeldes ao presidente, suas requisições

Caxias, populosa, rica, bem municuada, e de fácil defesa, tendo de um lado o rio Itapucuru, e do outro altos morros que a cobrem, não se teria rendido à força sitiante se aí não houvesse indiferentes mal cuidados no futuro, que se furtavam a todos os sacrifícios, e traidores que com os chefes rebeldes se carteavam e os socorriam com pólvora e víveres. Depois de quase dois meses de assédio e de repetidas escaramuças, mais desalentados os habitantes pela indecisão e fraqueza do que pela fome, vergonhosamente capitularam, e nos dias 30 de junho e 1º de julho entraram os rebeldes na cidade: um dos seus caudilhos, Livio Lopes, intimou ao prefeito João Paulo Dias Carneiro que lhe entregasse a chave da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, que profanada servia de armazém de pólvora, e assim se apoderaram os invasores de trezentos barris de pólvora, de quarenta mil cartuchos embalados, de armamento, de duzentos armazéns de fazendas, casas, vidas, e tudo enfim que ali existia. E à vista de tantos meios de resistência, de tantos recursos, com que podiam fazer rosto e repelir os sitiantes, fácil é a conclusão, para quem mesmo outros documentos não tivesse, de que se algumas autoridades e principais habitantes não eram coniventes com os rebeldes, ao menos por medo com eles transigiam.

Destarte acampados os bemtevis na segunda cidade da província, armados e municuados à custa dos vencidos, senhores de tantas vidas, do principal rio e das comarcas de Caxias, Pastos-Bons e Brejo, arvoraram um conselho composto do abegão Raymundo Gomes, Balaios, Livios e Ruivos, e dos mais caudilhos da mesma estofa, tão ferozes como estúpidos, em cujo nome ditava-se a lei. Prenderam logo todos os legalistas e roubaram o que quiseram. Expediram depois emissários ao presidente Manoel Felizardo com instruções para com ele entabularem negociações. Chegaram à capital esses plenipotenciários, posto que debaixo de guarda desde a vila do Itapucuru-mirim, e em palácio se apresentaram com os papéis que traziam ao presidente, os quais aqui transcrevemos: "Illm. e Exm. Sr. — O conselho militar reunido na cidade de Caxias, e composto dos comandantes das forças do partido bemtevi, que conta seis mil homens bem armados e municuados, tomou por medida salutar e mui conveniente ao sossego da província mandar perante V. Ex. uma deputação composta dos Srs. João Fernandes de Moraes, Hermegegildo da Costa Nunes, João da Cruz, Feliciano José Martins, padre Raymundo de Almeida Sampaio, brasileiros probos e dignos de toda a consideração, para apresentar a V. Ex. os desejos e votos do partido bemtevi, os recursos com que conta, e a firme determinação em que se acha para fazer respeitar as leis, a constituição e o trono augusto de S.M. o Imperador; e muito confia que V. Ex., convocando

imediatamente a assembléa provincial, haja de adotar as medidas que se propõem, porque elas são sem dúvida a declaração da vontade da província. Caxias, 10 de julho de 1839. — Illm. e Exm. Sr. Manoel Felizardo de Sousa e Mello — Seguem-se as assinaturas". Além deste officio do conselho militar, vejamos o seguinte discurso da deputação cujo original temos ante os olhos. "Illm. e Exm. Sr. — O partido denominado bemtevi, que parecia fraco, mas que tem adquirido forças e muitos elementos de resistência a outro qualquer que o pretenda suplantar, havendo à custa de esforços e trabalhos conseguido apoderar-se e tornar sua toda a província maranhense, respeitando sempre as leis e o trono augusto de S.M. o Imperador, nos manda em deputação perante V. Ex. a representar a V. Ex. o estado de engrandecimento em que se acha, e as medidas que julga convenientes ao bem da província, a fim de que V. Ex., tomando-as na devida consideração, as adote para salvar a província das imensidades de males que a ameaçam, se elas não forem aprovadas. Não há dúvida, Exm. Sr., que alguns excessos praticou este partido no seu começo; hoje porém que ele acaba de tomar Caxias, onde se municia de oitenta mil cartuchos embalados, mil armas, peças de artilheria, e mais trezentos barris de pólvora, apoiado em seis mil homens apresenta uma barreira irresistível, e manifesta a vontade da província. Assim, Sr., o partido bemtevi, querendo sustentar os objetos mais caros aos bons brasileiros, nos manda perante V. Ex. oferecer-lhes as instruções juntas que nos deu, e muito confia que V. Ex., como muito interessado no sossego da província, haja de lhe dar uma resposta satisfatória, ou as condições que julgar convenientes, porque a deputação está autorizada a recebê-las ou modificá-las."

Que os membros desta deputação eram bemtevis, este discurso o prova, e mais ainda a confiança neles depositada, posto que deste labéu se defendessem.

Vejamos as instruções do conselho militar à deputação. 'Art. 1º O conselho militar e tropa reconhece e respeita o governo de Sua Majestade o Imperador, as leis e constituição do Império. Art. 2º O conselho militar declara que o povo e tropa, que se acha reunido e se conserva com as armas nas mãos, não tem outras vistas mais que pedir ao Exm. Sr. presidente da província ab-rogação das leis provinciais que criaram as prefeituras, e ofenderam a lei geral sobre a organização de uma guarda nacional, além dos artigos seguintes. Art. 3º Que o Exm. Sr. presidente da província, reunindo extraordinariamente a assembléa provincial, conceda uma anistia àquelas pessoas que de qualquer modo se acham comprometidas na presente luta, porquanto ela só tem por fim lançar por terra aquelas leis, que ameaçam as liberdades pátrias. Art. 4º Pede ao Exm. Sr. presidente da província oitenta contos de réis em dinheiro, para indenização da tropa; porquanto a contribuição imposta aos habitantes desta cidade (Caxias), que lhe fizeram a mais decidida opposição, não é sufficiente para suprir o déficit dos respectivos prets. Art. 5º Que os presos do Estado que se achavam em custódia, sendo processados legalmente, respeitando-se o foro de cada indivíduo, conforme a constituição do Império e leis existentes, sejam obrigados a cumprir suas sentenças, havendo recursos delas na forma do código do processo. Art. 6º Que saiam da província os portugueses, propriamente falando, ficando somente os adotivos, a quem não será permitido os empregos públicos, a venda de armas de qualquer natureza, munições ou quaisquer outros gêneros *combustíveis*, sob pena de serem tomados pela fazenda pública, com denúncia ou sem ela, e por isso inabilitados de pegar em armas em qualquer ocasião. Art. 7º Que dentre as forças bemtevis sejam considerados em seus respectivos postos aqueles officiaes de melhor conduta, e que mereçam a opinião, assim do governo como do público para serem empregados nos corpos da provín-

cia. Art. 8º Que o conselho militar obriga-se a fazer depor as armas, logo que estas requisições sejam adotadas pelo Exm. Sr. presidente da província e assembléia provincial, podendo admitir-se aquelas modificações que a deputação entender fazer, em cumprimento dos interesses e dignidade do partido bemtevi" Tais foram as requisições feitas em nome de um partido com as armas nas mãos, algumas anti-constitucionais pela sua matéria, outras vergonhosas para o governo, e todas indignas de serem aceitas.

Capítulo IX

Da maneira por que foram recebidas as proposições dos rebeldes: uma conferência em palácio entre o Dr. Sá e o professor Sotéro: da opinião pública sobre o presidente, e censuras que lhe faziam

Do modo por que foram recebidas estas proposições e do ocorrido entre o presidente e os comissários nada consta oficialmente, limitando-se aquele a enviar para a corte uma cópia destes artigos, e a notícia da divisão entre o rebelde Livio Lopes e Balaio, por ganhar este grande preponderância, pretendendo matar todos os presos de Caxias, e entregar a direção da rebelião a homens de cor; e a junta que havia dito à comissão que o governo geral não era vingativo e sequioso de sangue; e que se Livio ou outro chefe dos facciosos se unisse às forças da legalidade, ou batessem logo os outros, não só teriam o perdão do que haviam feito, como seriam tratados com alguma atenção; e termina este ofício¹⁸ dando, como sempre, boas esperanças que como a mesma felicidade iam sendo desmentidas pelos acontecimentos subseqüentes.

É porém notório e os jornais deram fé, que em uma noite larga conferência houve em palácio entre o doutor Joaquim Franco de Sá, juiz de direito da comarca de Alcântara, e o diretor do Liceu Maranhense, Francisco Sotéro dos Reis, redator do *Investigador Constitucional*, o primeiro indicado como oposicionista liberal, o segundo como muito aferrado ao governo forte. A esta conferência, ocasionada pelo encontro imprevisto dos dois (como ambos confessam em exposições defensivas que pelos periódicos fizeram), assistiu o presidente, que teve a coragem de não proferir palavra, e de em silêncio ouvi-los sem descobrir o seu pensamento. Sustentou o Dr. Sá a necessidade de se convocar extraordinariamente a assembléia provincial, que antes de tempo, e sem haver concluído a lei do orçamento para o financeiro ano de 1840 a 41 se havia encerrado por si mesma. Opinava o Dr. Sá, que a pretexto de se concluir esta lei, se devia reunir os dispersos membros da assembléia, e tratar-se de derrogar a lei dos prefeitos, e de tomar outras medidas para acalmar o espírito da revolta. O professor Sotéro, parecendo concordar com isto, queria em troca que passasse igualmente na assembléia provincial a suspensão de garantias, e um crédito de vinte contos (outros dizem oitenta) para despesas ocultas, e daqui brotou a divergência entre os dois. Diz-se que o professor Sotéro propunha esta medida porque sorrateiramente maquinava a queda do presidente, escrevendo ele e seus amigos para a corte, pedindo o general Andréa, que por seu caráter violento e decisivo habituado estava a não respeitar coisa alguma, e contava que o general se entregaria todo à gente que o reclamava, e vexaria o partido oposto; e consta que cartas apareceram neste sentido: o certo é que o presidente Felizardo, pela sua indecisão e docilidade, a nenhum dos partidos convinha. Já o descontentamento aparecia, e pouca confiança nele depositavam.

(18) Ofício de 3 de agosto ao ministério do Império.

Retiraram-se os dois afinal, sem que daquela entrevista e debate fundisse proveito algum para os públicos negócios, e nem ao menos serviu para adoçar a acrimônia dos partidos, os quais prosseguiram a reciprocamente acusações e investivas. Daí em diante foi sempre mingando o crédito do governo, que apesar das boas intenções, por sua fraqueza vacilava entre opostas exigências. Não o pouparam desde o princípio; seu relatório à assembléa provincial em 3 de maio sofreu rigorosa e circunstanciada análise do redator da *Chronica*¹⁹, o qual supondo ser obra do secretário, que muito odiado era, desabou contra este todo o peso da crítica esmagadora, notando falsidades e até copiosos erros de linguagem e incorreções de estilo; e censurou o presidente por haver de confiança prestado sua assinatura a uma obra de *estilo pedantesco, de mau gosto, deturpado* por não poucos *barbarismos*, e em geral *lânguido e empeçado*, concorrendo para dar ao todo do discurso *uma fisionomia burlesca, certas puerilidades e distrações* que parecem incríveis em um documento de sua natureza tão grave, e que devera ser feito *com todo o esmero e cuidado*²⁰. E alega como irresistível prova de ser produção do secretário (que havia servido com o Sr. Camargo, de quem era protegido) o dizer ele no artigo — Tranqüillidade publica — *que reapareceram os desordeiros em princípio de sua administração*, o que na verdade é uma falsidade sem honra e proveito para quem tal dizia, porquanto havia ele tomado posse no dia 3 de março, e os officios do interior noticiando o reaparecimento dos rebeldes na província eram de 26 de fevereiro, decorrido ainda no tempo do ex-presidente Camargo. E já atrás fica dito o quão de boa fé andava o presidente em todas estas coisas, não prevendo, como devia, as conseqüências; e este erro desde o princípio não pouco concorreu para os mais erros de sua fraca administração em tão melindrosa crise; até que afinal um novo ministério o julgou inapto para acalmar desordeiros.

(19) João Francisco Lisboa.

(20) *Chronicas*, nº 141, 146 e 148 de junho de 1839.

Capítulo X

Progressos da rebelião e seus horrores

Assim iam as coisas na capital, enquanto no interior da província o geral desalento cedia o campo às hordas devastadoras, que ufanas não atacavam sem vitória, e com tanta rapidez lastravam, que sua podiam chamar toda a província, teatro miserando de seus horrores e latrocínios, onde punham em prática quantos flagícios inventa a perversidade do coração humano para tormento de suas vítimas. Um só fato apontarei: a um mísero ancião octogenário cortaram o ventre e nele coseram um leitão vivo, que lhe roía as entranhas; esta recordação horrível de um suplício tartáreo foi feita ante os olhos dos filhos e da esposa do desgraçado velho, e nem o deixaram os frios algozes, que galhofavam, sem o ver exalar o último espirito no meio das cruéis vascas e dolorosos gritos da família, que além deste martírio foi espancada em despedida. A tanto chega a cruel fereza do coração humano! Pobres mulheres indefesas eram açoutadas, moças manchadas ante os olhos de seus progenitores, e assassinadas se resistiam; roubados os bens e incendiadas as casas e lavouras, e todos os dias chegava à capital a nova de uma desgraça, coisas estas que mais facilmente eles praticavam, do que nós podemos escrever; que se tantos exemplos de iguais crimes não nos mostrasse a história de povos civilizados em épocas de feroz delírio, estamos que as almas sensíveis duvidariam da veracidade destes.

Capítulo XI

Da chegada do coronel Sérgio para comandante das forças: saída deste e do presidente para o Icatu: e do desastroso ataque das Arêas

Desenvolvia-se o mês de julho de 1839 quando a São Luiz do Maranhão chegou o coronel Francisco Sérgio de Oliveira²¹, vindo do Pará, e nomeado pelo governo geral para comandante em chefe das forças em operações no Maranhão. Mais de vinte dias demorou-se ele na capital sem marchar para o campo da guerra, até que obrigado foi por um novo desastre. A vila do Icatu, situada à margem direita do rio Munim, oito léguas distante da capital, achava-se sitiada por terra por avultada cória de sediciosos, que em suas costumadas correrias devastavam todo aquele quadro de terreno que se estende de oeste a leste, desde a margem direita do Munim até o igarapé Jacarehy, ficando-lhe ao norte a baía de S. José, que do continente separa a ilha de S. Luiz onde está a capital, e ao sul outro igarapé, que desemboca do Munim, de modo que aquele quadro de terra parece uma ilha presa ao sueste do continente: em todo este terreno havia para mais de oitocentos rebeldes que ameaçavam a capital, e que talvez não tentassem um desembarque por falta de lanchas, e também porque algumas canhoneiras nossas cruzavam aquelas águas em proteção da ilha capital. O destemido tenente Antônio de Sampaio²² ia cometendo temeridades entre os facciosos, causando-lhes grandes danos, até que em uma sortida encontrou-se com numerosa cáfila, que em debandada fez recuar a sua tropa com perda de muitos.

O presidente, que tanto como o povo temia a tomada da cidade de S. Luiz, vendo tão perto o perigo, oito léguas apenas arredado, resolveu-se a fazer um esforço, e acompanhado do coronel Sérgio, comandante em chefe das forças, e do tenente coronel Isidoro Jansen Pereira, com todo o seu batalhão de guardas nacionais, forte de trezentas praças, e de setenta homens de primeira linha sob o comando do tenente-ajudante João Paulo de Miranda²³, marcharam todos no dia 6 de agosto para o Arapiranga, lugar da ilha a seis léguas da capital em frente da baía de S. José, onde embarcavam, e no dia seguinte chegaram a Vila Velha do oposto lado da baía, e situada no quadro de terra de que falamos, a três léguas da vila do Icatu. Desembarcados todos na Vila Velha, aí acharam dois batalhões de primeira linha, um sob o comando do major Feliciano Antônio Falcão²⁴, outro sob o do capitão Ernesto Emiliano de Medeiros²⁵, e ambos debaixo das ordens do tenente-coronel Raymundo Carneiro Junqueira: era esta aquela força que em marcha para Caxias retrocedera com ordem do presidente para vir cobrir a capital, como atrás fica dito. No dia 8 houve aí parada das tropas, e no comando delas foi investido o coronel Sérgio; e finda esta solenidade, mandou o coronel que o tenente Sampaio com um golpe de gente fosse explorar o caminho: o que feito, regressou logo depois com um homem dos seus ferido em um tiroteio havido com os inimigos. Ocupava-se o comandante Sérgio com o mapa topográfico, e traçou um plano de ataque dividindo suas forças, das quais parte deviam ir por terra e outra por água; mas como tratassem primeiro de distribuir as rações aos soldados, e grande demora houvesse em fazer a carnagem para isso, já a maré estava em preamar, e o capitão-tenente da armada Boldts apresentou a dificuldade de se efetuar um desembarque naquele dia, por vir a faltar água quando chegassem no lugar designado o Jacarehy. Burlado o plano e perplexo o comandante Sérgio consultou com o presidente, e nada resolveram por aquele dia, na tarde do qual pelas cinco horas embarcou-se o presidente para bordo do iate *Vinte e oito de julho*, com to-

(21) Era então tenente-coronel, hoje brigadeiro.

(22) Era então alferes, hoje capitão.

(23) Hoje capitão.

(24) Hoje tenente-coronel, comandante do 5º batalhão de fuzileiros do exército.

(25) Hoje major do 1º de fuzileiros do exército.

da a sua companhia e um corpo voluntário com o título de Pedro II, formado de doutores e bacharéis, sob seu comando, e fez-se à vela via do Munim.

Ao despontar ao infausto dia 9, ordenou o comandante a marcha das tropas por terra, estrada do Icatu; ia na vanguarda o major Falcão com o seu batalhão, e depois de poucas horas de marcha, descobriu a guarda avançada um espia dos rebeldes, que logo fugiu, e teve de sustentar um tiroteio com a dos contrários, que lutando recuaram até suas trincheiras, que cortavam o caminho em uma volta ou cotovelo que fazia, estendendo-se elas para os dois flancos: eram estas trincheiras de três pés de altura, construídas de paus e folhas, e torneadas por dentro de um fosso com bastante fundo para cobrir um homem agachado, e onde ocultos os rebeldes esperavam a nossa gente, que ali esbarrando, foi recebida com uma descarga de mosquetaria, que pôs fora de combate perto de trinta soldados da guarda avançada. O major Falcão, como por falta de vento que varresse a fumaça nada via do que se passava na vanguarda, mandou saber que obstáculo havia, e instruído do caso ordenou que o capitão Simão Antônio Alves, com a primeira companhia do seu comando e um guia fosse pelo flanco direito da trincheira, e caísse sobre a retaguarda do inimigo, fazendo ao mesmo tempo avançar a segunda companhia pela frente, em socorro da guarda avançada: reanimou-se o fogo por este lado, contando o major com o rompimento do cordão dos flanqueadores; mas, por fatalidade, o capitão não cumprindo a ordem, veio desculpar-se, alegando que não pudera romper o espesso mato, sendo nele ferido. Derrotada ficou a segunda companhia, e seguiram-se a terceira e quarta, que o mesmo dano sofreram: o estóico major não recuava, apesar de já tropeçar entre mortos e feridos apinhados no caminho. Quis a vanguarda retroceder, tão desalentada estava, mas ele conteve-a e forçou-a a nova investida, e nisto ouviu-se uma descarga dos dois batalhões que após marchavam, um de guardas nacionais do comando do tenente-coronel Jansen, e outro que cobria a retaguarda do capitão Ernesto. Entre estes vinha o coronel Sérgio, comandante em chefe, que parecia não haver previsto aquele encontro, como se marchasse por estrada amiga, nem dera instruções ao major para o que ocorresse; entretanto as cornetas destes corpos correspondiam ao toque de avançar da corneta da vanguarda, e certamente não tocavam elas sem ordem. Convém relatar todas as circunstâncias deste desastroso ataque, conhecido com o título das Arêas, nome do lugar; o mais infausto que houvermos, em que passante de mil homens ficaram sem entrar em combate, muitos mortos e outros baleados; porquanto depois lançou-se a culpa deste desastre sobre o major Falcão, como se ali não fosse um comandante em chefe que devera delinear o ataque e prever as ocorrências.

Estando as coisas naquele transe, depois de duas horas de fogo, sem que dos corpos da retaguarda aparecesse oficial algum ou ordem do coronel Sérgio, o major Falcão já ferido, ouvindo o toque das cornetas, resolveu-se ir saber do coronel o que determinava, recomendando que sustentassem a refrega. Estavam os dois batalhões prolongados a um de fundo, e em meio marchava o corajoso alferes Sampaio, que então vinha com um novo cordão de flanqueadores para contornar as trincheiras. Encontrado o comandante em chefe, expôs-lhe o major os desastres da vanguarda, e o como ele se achava ferido, pelo que nomeou aquele um oficial superior para o substituir no comando do batalhão empenhado no combate; negou-se o oficial, e o mesmo fez outro após o nomeado. Tal era a disciplina, que nem o comandante em chefe sabia o que fizesse para sustentar as suas ordens, nem havia quem o obedecesse. Por felicidade, depois de tantos danos acertou que

naquele intervalo o alferes Sampaio com os seus flanqueadores, rompendo o bosque antes de chegar às trincheiras, o inimigo o pressentisse e em fuga evacuasse o ponto. Então reanimou-se a coragem nos corações covardes, e o coronel Sérgio prosseguiu a sua marcha com os dois batalhões que não lutaram.

Ali ficou o major Falcão, posto que ferido arrecadando os destroços da guerra e reunindo seus soldados; e logo o cirurgião procedeu a um curativo tão miserável como o combate, por não haver ambulância de sangue suficiente, e não lhe chegarem as mãos para tantos baleados; e ali mesmo tiveram os mortos sepultura no fosso das trincheiras inimigas, onde a morte os surpreendera. E depois postos em marcha os ilesos, levando às costas os feridos, chegou aquele fúnebre cortejo ao lugar denominado — Ribeira —, onde impaciente e já acampado o coronel Sérgio os esperava com toda a mais gente. E por falta de todas as comodidades estiveram aqui os feridos dezesseis horas, deitados sobre a terra fria até o seguinte dia, expostas suas grandes feridas ao ar e já cobertas de insetos. Até que afinal foram transportados para bordo das embarcações, e só então o primeiro tenente da armada Angelo Custódio Ramos de Oliveira, franqueando alguns medicamentos que ali tinha, com suas próprias mãos ajudou no curativo ao cirurgião Teixeira Pinto; e pois que não teremos outra ocasião de falar do primeiro tenente Ramos, vítima mais tarde do ignorante zelo de um charlatão, lhe tributamos à sua memória esta saudosa lembrança pelo muito que fez em sua vida. Embarcados todos os feridos, navegaram para a vila do Icatu já evacuada de rebeldes, onde o segundo tenente da armada Curvello d'Avilla, comandante de uma canhoneira, não menos que o primeiro tenente Ramos, desvelou-se com os enfermos, que posto enfermo também se achasse, por cruzar de longo tempo aquelas águas entre mangues e brejos tão insalubres, não se poupou a fadigas para socorrer aqueles infelizes. Já então o presidente tinha desembarcado, e depois chegou o coronel Sérgio, que por terra marchara com a tropa, e aí demorou-se o presidente alguns dias, até que aos 18 do mesmo mês regressou para a capital com a sua guarda do batalhão de Pedro II, ficando ali o comandante em chefe com toda a mais gente de guerra. Deixamos aberto o campo às reflexões sobre este desastroso episódio do ataque das Arêas, de que apenas omitimos, por poupar vergonhas, minuciosos incidentes pouco dignos de escritura.

Capítulo XII

Dispersão dos rebeldes em diferentes grupos, evacuação de Caxias e do Icatu; entrada no Maranhão do major Clementino de Sousa Martins

Cada vez mais se ia enegrecendo o horizonte maranhense; com os destroços da legalidade nutria-se a rebelião, e o governo já de ânimo quebrado, exausto de forças e pouco acreditado, vãs tentativas fazia, quando o infausto ataque das Arêas veio ainda mais estreitar o círculo das tímidas esperanças.

Achava-se na vila do Icatu a maior parte das nossas tropas, tendo à sua frente o comandante em chefe; mas os rebeldes, que não aspiravam à glória dos combates, e sim à vantagem na rapina, prontos se deslocavam em face de arriscadas empresas; e como nenhuma inteligência entre eles se movesse, nem plano político bem concebido tivessem, andavam devastando tudo como quadrilhas de bárbaros salteadores, capitaneados por diferentes caudilhos, que obravam sem concerto, dado que Raymundo Gomes gozasse das honras de general em chefe.

Depois da desastrosa refrega de que acabamos de falar, muitos dos bandidos tomaram o caminho do Iguará, onde se reuniram e foram outros para Caxias

levados pela avidez do saque; mas essa cidade tendo sido completamente roubada e destruída, nada ali havendo que pudesse excitar a cobiça de salteadores errantes, foi deixada pouco a pouco, e os rebeldes restantes foram expulsos e alguns presos pelos habitantes, que só então reagiram: os que pelos invasores tinham sido encarcerados, compraram suas vidas a peso de ouro, e muitos passaram letras para seu resgate.

Livio Lopes, que mais que todos se enriqueceu, e Balaio, marcharam para as margens do Parnahyba, com intento de opor-se às tropas do Piauhy, que sob o comando do major Manoel Clementino de Sousa Martins entraram em Maranhão pela comarca de Pastos-Bons, cortando destarte a retaguarda do inimigo que assolava aquela comarca. Raymundo Gomes e Coque desceram de Caxias, e na altura de S. José, oito léguas acima do Itapucuru-mirim, retirou-se o segundo para sua casa, com o fim de gozar tranqüilo do fruto de sua rapina; e Raymundo Gomes avistando uma partida nossa, furtou-se em precipitada fuga ao combate.

Devemos notar que os rebeldes também recrutavam, e os constrangidos por este jeito, não colhendo fruto nas suas fileiras desertavam para as nossas, e o número destes apresentados ao comandante do Icatu subia a trezentos homens; o mesmo Coque e um Domiciano Ayres entregaram-se ao governo, e continuaram a fazer a guerra a seus antigos companheiros de Caxias.

A nova destes últimos acontecimentos, posto que só na aparência favoráveis, animou o governo e a capital, que já não temia que a tomassem os rebeldes, o que deu azo aos partidos, até ali pelo temor aplacados, a que agora reavivassem, e disto mesmo queixou-se o presidente para a corte. Entretanto claro é que os negócios pioravam, e cresciam as dificuldades com esta extravasão em grupos da rebeldia. Enquanto eles com todos os seus chefes estavam reunidos, podiam as nossas tropas sitiá-los, e impedir ao menos que o espírito revolucionário se propagasse pelas comarcas até ali isentas; desde que se dividiram em batalhões errantes de salteadores, de necessidade as nossas tropas se deviam também dividir em partidas exploradoras, e não havia forças suficientes para persegui-los, guarnecer todas as vilas e povoações que pudessem ser atacadas e servir-lhes de refúgio. Deste retalhamento de forças de parte a parte resultou fraqueza e dificuldades para nós, vantagens para eles, que nada tinham que guardar e assegurar, e ia alvorotando toda a província, tomando à força os gêneros de que necessitavam, destruindo o que não podiam levar e fugindo sempre depois dos primeiros tiros, quando com as nossas partidas se encontravam, acrescentando que nascidos e criados por esses sertões, melhor conheciam os trilhos e refúgios; e as nossas tropas, pela mor parte expedicionárias de outras províncias, estranhavam o clima e o terreno, adoeciam com muita facilidade, e constantemente um terço delas estava impossibilitada de servir; e muitas vezes em um acampamento ao número de sãos excedia o dos enfermos, sem que cirurgia e botica houvesse.

Capítulo XIII

Princípio da desordem na comarca de Pastos-Bons; crime de Militão Bandeira de Barros; do acontecido nas vilas da Chapada, Machão e Pastos-Bons

Temos de passagem tocado em Pastos-Bons e por não cortarmos o fio da narração não consignamos ainda um fato assaz escandaloso, que foi o começo da revolta naquela comarca, o que agora faremos.

Militão Bandeira de Barros, tenente-coronel da guarda nacional, nomeado pelo ex-presidente Camargo, exercia na vila da Chapada as funções de juiz municipal, de órfãos e interino de direito, auxiliado pelo juiz de paz João Paulo Cortez, tendo ambos alguma força à sua disposição, obravam segundo as inspirações de capricho e de interesse. Em uma reunião do júri, tratando-se do sorteamento para juízes de fato, o vigário Antonio do Rosario Cardoso lançou em rosto ao dito Militão a terrível verdade de haver ele nascido escravo e ter sido forro por seu senhor e pai, querendo por aquele modo excluí-lo: Militão jurou vingar-se, posto que não fosse eliminado. Aos 15 de janeiro de 1839 foi o vigário assassinado em sua própria casa por quatro soldados que seguiam a um meirinho, que primeiro lhe deu a voz de preso, seguindo-se logo a descarga a pretexto de resistência. Militão e o juiz de paz Cortez mandaram depois prender em alheio distrito alguns amigos do padre, que vociferavam contra aquele atentado, e artemidamente os dois começaram a espalhar que essas pessoas tentavam a morte ao dito Militão, e na denúncia contra eles foram testemunhas os mesmos satélites assassinos do vigário. Mas porque as coisas não saíssem muito ao jeito de Militão, cheio este de terror, mandou soltar a um dos presos, de nome Manoel Jorge, e para captar-lhe a benevolência, quis repartir com ele o despojo do morto, oferecendo-lhe uma obrigação de dívida do dito Jorge ao falecido vigário. Jorge denunciou tudo ao subprefeito do lugar, a quem entregou o crédito recebido das mãos de Militão; e este vendo tão mal parado o seu negócio, oficiou logo ao prefeito da Comarca Francisco Dias Carneiro, pedindo-lhe tropa a pretexto de conter a desordem da vila da Chapada. O prefeito enganado mandou que o capitão Diogo Lopes de Araújo Salles, juiz de paz do segundo distrito, desse a gente que pudesse e um oficial que a comandasse. Foi esta gente, e tais coisas houve, que o oficial receoso de ser assassinado evadiu-se à meia noite e de tudo deu conta ao prefeito, que, já bem informado, oficiou ao juiz de paz do segundo distrito acima indicado para que fosse fazer corpo de delito sobre o assassinato do vigário, processando os seus autores; o que a este competia, por ser cúmplice do crime o juiz de paz do primeiro distrito; isto feito, foram declarados autores Militão e os quatro soldados, e cúmplice o juiz Cortez.

No ato da prisão resistiu Militão com seus agregados; não obstante foram transportados os criminosos para a cadeia da vila de Pastos-Bons, por não havê-la na da Chapada. O pai, irmãos, todos os parentes e amigos de Militão se rebelaram então e tomaram o partido bemtevi, que já causava grandes estragos à província. Um grupo rebelde entrando na vila de Pastos-Bons soltou todos os presos, e entre eles a Militão, que pondo um *balaio* na cabeça começou a dar vivas ao partido que daquilo tirava o nome, e depois de levantar bastante gente, deixando a comarca muito alvoroçada, veio entregar-se ao presidente, cuidando ser assim perdoado, e à sombra do crime político escapar à pena merecida pelo assassinato do vigário. O presidente porém recebendo parte contra ele, o mandou recolher em uma prisão, de onde escrevia ele aos seus noticiando o que na capital ocorria, a fraqueza dos seus defensores, e além destas notícias enviava pólvora em gigos de louça²⁶; e pois que nisto tocamos observemos que por estes e muitos outros fatos nenhuma dúvida temos que havia na capital quem ocultamente socorresse os rebeldes.

Os parentes de Militão e um grande número de seus amigos e agregados, todos rebeldes, cerca de 500 homens, entraram no dia 8 de março na vila do Riachão, arrombaram a cadeia, queimaram o tronco, apoderaram-se de muitas casas, e fizeram algumas mortes, até que o capitão Diogo Lopes de Araújo Salles naquela vila entrando aos 26 do mesmo mês os expulsiu. Eis como particulares ofensas

(26) Nós vimos uma de suas cartas, escrita da capital em 23 de outubro, a qual foi enviada de Pastos-Bons, e existe na secretaria do governo da província.

e intrigas causam às vezes calamidades públicas; e em tão vasto território como é o nosso, sendo as molas do governo muito fracas, é de absoluta necessidade a moralidade nas pequenas autoridades, que de ordinário são causas da perturbação dos povos. E não poucos juizes de paz capitanearam os rebeldes que devastaram o Maranhão.

A comarca de Pastos-Bons foi inteiramente assolada pelos balaíos que se espalharam até o Piauí e Goiás, onde depois foram perseguidos, como adiante se verá.

Capítulo XIV

Morte do major Clementino de Sousa Martins. Caxias cai de novo em poder dos rebeldes.

O major Manoel Clementino de Sousa Martins, sobrinho do barão da Parnahyba²⁷, presidente da província do Piauí, havia entrado com forças daquela província pela comarca de Pastos-Bons, e depois de repetidos encontros e refregas com os inimigos, sempre com vantagem sua, veio cercar o entrincheiramento de Balaío no Morro Agudo, e quando contava com a vitória foi mortalmente ferido e aí acabou sua gloriosa carreira. Sua morte foi geralmente lastimada pelos amigos da ordem, e com ela se ensoberbeceram os rebeldes. Qual fosse a falta que este bravo oficial fizesse, melhor nos dirá quem no meio da campanha reconheceu as terríveis conseqüências. O coronel João Paulo Dias Carneiro, prefeito de Caxias, depois de ter comprado sua vida aos rebeldes a peso de ouro, achava-se na passagem de Santo Antônio, província do Piauí, onde fora reunir alguma gente para socorrer o Maranhão, e daí escreveu ao presidente²⁸: "Enquanto o major Clementino à frente de uma força de oitocentos homens bateu os rebeldes da nossa província, as coisas iam melhorando e o povo todo corria para as fileiras da legalidade; porém depois da morte deste grande homem tudo piorou, e as forças legais da nossa e desta província (Piauí) diminuíram rapidamente, e os rebeldes tornaram a aparecer em campo, em maior número e mais animosos do que antes, e nada podemos fazer desde então senão conservarmo-nos na defensiva. O malvado Balaío, que se conservava entrincheirado nas temíveis matas do Morro Agudo e Baixão, sabendo da fraqueza das nossas forças deixou aquela posição, e apareceu de súbito em Caxias, fazendo retirar-se dela a pequena força da guarnição da cidade; *matou a quantos encontrou, sem distinção de sexo, nem de idade*, além de muitas pessoas que morreram afogadas pela precipitação com que quiseram passar o rio para o lado oposto da cidade".

Eis pois Caxias de novo entregue à voracidade desses bandoleiros, que nela entraram a 9 de outubro em número de quatrocentos, capitaneados pelo facinoroso Balaío, que aí morreu de um tiro disparado por um dos seus, em ocasião que roubavam a casa de um suíço, onde mataram quatorze pessoas.

Queixavam-se todos da morosidade dos movimentos e da falta de providências da parte do governo, que entretanto se desfazia em ordens e officios. Mas quando os poderes se acham divididos, principalmente em épocas críticas, que a primeira autoridade não tem meios para se fazer respeitar, ordens não criam homens, não disciplinam tropas, nem dão movimento a elas. "É para lamentar (escreveu o prefeito de Caxias em 10 de novembro) a tardança das cansadas tropas que me consta daí terem saído em socorro da infeliz cidade de Caxias, porque até hoje ainda não aparecem, nem notícia tenho delas: causa esta de ter sido pela segunda vez arrasada esta cidade... Eu, apesar de velho, cansado e mortificado de trabalhos, ainda con-

(27) Hoje visconde do mesmo título.

(28) Offício de 20 de outubro de 1839 ao presidente Manoel Felizardo.

servo com armas nas mãos quinhentos homens, inclusive um socorro de cento e cinqüenta com que me auxiliou o presidente do Piahy, não podendo este socorrer-me com maior número por estar guarnecendo suas fronteiras e *mormente por ver que ele só não pode pacificar toda a província do Maranhão sem que V. Ex. dê começo*". Neste mesmo ofício queixa-se o prefeito de falta de munições e armamento; e fazendo uma pintura das desgraças de muitas famílias que viviam ocultas nas matas, ajunta: "tudo por esperarem que V. Ex. desse exatamente as providências necessárias".

Para expor com exatidão o estado da província, e não para matéria de acusação, extraímos estes ofícios. Sabemos que no meio de tantas desordens os espíritos alvoroçados mais facilmente acusam e lamentam do que se resolvem e obram; e como pouca tropa havia, e os cofres estivessem esgotados, todos viam o mal sem lhe saber dar remédio.

Capítulo XV

Providências inexequíveis do comandante das forças

Não desperdiçaremos horas em contar todos os pequenos tiroteios de que resultaram um ou dois feridos ou mortos de parte a parte. O coronel Sérgio havia deixado em agosto a vila do Icatu, foi até a do Itapucuru-mirim, e veio estabelecer seu quartel-general na do Rosario. Tinha-se persuadido o coronel que toda a província era rebelde, e claramente o disse em ofício ao presidente²⁹: "Devo fazer chegar ao conhecimento de V. Ex. que a população desta província se acha dividida em duas classes, a primeira mais grada, e a segunda de gente mais baixa: os que pertencem à primeira classe, ou são coniventes com os rebeldes, ou são indiferentes; a segunda é uma massa composta em oposição ao governo. Lance V. Ex. suas vistas nessa capital, verá entulhada dos melhores proprietários destas ribeiras, que bem podiam ajudar em tudo quanto fosse possível e compatível com suas graduações, idades e estados". Não exagerava muito o coronel Sérgio, porque os mesmos que se intitulavam amigos do governo eximiam-se do serviço. Teve o presidente uma entrevista com o coronel comandante das forças, e concertaram ambos no que deviam fazer. Em consequência disto, o coronel, regressando à vila do Rosario, publicou em 26 de outubro o célebre edital declarando rebeldes todos os habitantes das margens do Itapucuru e do Munim que no prazo de vinte dias não se apresentassem às forças legais; e dizia neste edital: "Os proprietários, fazendeiros e mais moradores situados à margem direita do rio Itapucuru farão retirar de suas propriedades para a margem esquerda os seus escravos, gados, criações e todos os mais objetos que pela sua importância puderem servir de utilidade aos rebeldes. E todas as pessoas a quem pertencer o conhecimento deste edital, que dele forem contraventores, serão perseguidos como feras, e por tal motivo arrasadas as suas propriedades, que se reputarão asilo e benefício dos salteadores, assassinos, inimigos do governo". Esta ordem era tão absurda como inexequível, e só serviu para excitar clamores contra quem a promulgava. A maior parte dos habitantes das margens dos dois rios, debaixo do jugo dos rebeldes, não podiam facilmente obedecer ao chamado do comandante em chefe, quando as forças deste não ousavam ir desafrontá-los; e quanto à mudança de uma margem do Itapucuru para outra, era inteiramente impossível, porque os proprietários estavam todos refugiados na capital; e como cumpririam tal ordem? Para que casas, para que terras transportariam extraordinário número de escravos, gados, criações etc. de que se alimenta-

(29) Ofício de 11 de outubro de 1839.

riam tantas vidas? Não faltaram em consequência deste edital acusações terríveis ao coronel Sérgio; e a *Chronica*, jornal do *partido bemtevi, bem entendido*, analisando seus atos, lançou sobre ele a responsabilidade do pioramento dos negócios da província. O presidente estranhou o pensamento e a forma rancorosa do edital, cujo ofício mandou publicar pelos jornais; entretanto o coronel queixou-se deste procedimento do presidente, que por seu caráter vacilante lhe censurava o que ele havia combinado na entrevista de que falamos.

Em comunicações oficiais deparamos com documentos, que nos induzem a crer que o coronel Sérgio ignorava os movimentos dos rebeldes, e mesmo o das forças legais. O presidente, escrevendo ao tenente-coronel Favilla, diz³⁰: "Faça todos os esforços para dar sempre parte ao comandante das forças expedicionárias das suas circunstâncias e das do inimigo, porque, segundo vou observando, *ele ignora completamente* que nos achamos em frente de todas as forças rebeldes, que talvez existam do Iguará para baixo." Igual pensamento exprime oficiando³¹ ao próprio comandante das forças!

Por este tempo a vila do Icatu tinha de novo caído em poder dos rebeldes, e computava-se o seu número em mil e quatrocentos; para retomá-la foi nomeado o major Luiz Antônio Favilla, servindo de tenente-coronel da guarda nacional³²; hábil e destro oficial para este gênero de guerra, que se cobriu de glória em muitos tiroteios, e a quem se deve o levantamento do cerco da dita vila, sendo a sua força de cento e sessenta homens com notável desproporção com a dos rebeldes. Aí estabeleceu o seu quartel o dito tenente-coronel Favilla, continuando sempre a explorar as matas circunvizinhas.

Muito se acreditava também o tenente-coronel José Thomaz Henriques, sempre em contínuas marchas e refregas, para os lados do Iguará e Brejo.

Capítulo XVI

Divergência entre o presidente e o comandante das forças expedicionárias: ambos se mostram incapazes de continuar a guerra: considerações sobre o estado da província

Assim iam as coisas lentamente, e a divisão dos poderes entre o presidente e o comandante militar muito concorria para a morosidade das operações, posto que em rigor pudesse o comandante das forças obrar no campo livremente como julgasse necessário. O coronel mais que o presidente acusado pelos jornais de um partido da capital que, segundo a opinião dos contrários, havia promovido a desordem, manifestava pensamentos que crimnavam o presidente: consentiu e protegeu mesmo a publicação de um pequeno jornal com o título — *O Militar* —, que se repartia no acampamento, todo, em abono seu e descrédito da primeira autoridade provincial, e o que é mais, era o pagador das tropas o redator dessa folha. O presidente sempre pusilânime sofria os amargores de invectivas de fraqueza que lhe dirigia o comandante militar; e a tudo que possamos dizer excede este ofício, que transcrevemos para documentar o que dizemos. "Illm. e Exm. Sr. — Debalde trabalhamos para sufocar a rebelião desta província, de balde são todos os esforços feitos por V Ex. e pelas tropas imperiais para esmagar a cabeça da hidra que devora a interessante província do Maranhão; semelhantes àquele que querendo derribar uma árvore, em vez de a decepar pelo tronco, começou por fustigar os ramos e as folhas, assim estamos nós praticando, e ocupados com os ramos da província, deixamos intacto o tronco dessa árvore, que é a capital, donde os rebeldes recebem o influxo e todos os recursos dos fautores da rebelião, que aí se centralizam

(30) Offício do presidente Manoel Felizardo, de 19 de outubro de 1839.

(31) Offício do presidente Manoel Felizardo, de 19 de outubro de 1839, ao coronel Sergio.

(32) Hoje tenente-coronel graduado, comandante do 4º batalhão de caçadores de 1ª linha.

para espreitar os movimentos do governo e atizar a discórdia, promovendo descaradamente a intriga, insubordinando o povo, e desconceituando aqueles que precisam de força moral; e bem convencido estou que a rebelião não chegará a seu termo enquanto V. Ex. não tomar medidas fortes; eu me glorio de que esta verdade tem V. Ex. reconhecido. O indiferentismo da maior parte dos membros influentes dos corpos da sociedade, a insubordinação da guarda nacional da capital, o atraioamento ao governo, a ponto de saberem os rebeldes até da quantia exata que vinha para o campo, são os precursores que confirmam o que venho de dizer. Se V. Ex., como sei, reconhece esta verdade, e não se delibera a lançar mão de medidas de salvação, então escusado é estarmo-nos a cansar, ainda mais expondo as nossas vidas e exaurindo o tesouro, sem que de tudo se tire resultado algum proveitoso à feliz sorte do país: se os públicos declamadores e apóstolos da rebelião, se os sedutores até dos corpos de outras províncias que nos mandam auxílios, se os que insubordinam a guarda nacional da capital, se os que vendem pólvora, munições e armamentos, se os indiferentistas não são punidos, se enfim na província do Maranhão se não recruta, e nem se faz que grande parte de seus habitantes prestem-se ao serviço; o que fazer? Lutar contra todos esses elementos que se aumentam com a bondade de V. Ex. é o mesmo que querer-se vencer impossíveis. Exm. Sr., sou coagido pelas circunstâncias a falar verdades duras. Eu já em ofício de outubro findo fiz conhecer a V. Ex. que o governo em crise não pode, não deve ser aquele dos tempos ordinários e bonançosos; a crise aumenta, e qual será o seu termo? Cumpre que V. Ex., removendo todos os obstáculos que se opõem ao termo da guerra, se disponha, digamo-lo assim, a sacrificar-se para o fim de satisfazer a importante missão de seu cargo, salvar a província do Maranhão, restituir-lhe sossego, paz e tranqüilidade: V. Ex., pela sua sabedoria, bem conhece os meios de remover os males que pesam sobre todos, e que por isso ocioso é eu os minute. Reflita V. Ex. que com pouca força moral e física e sem que para suprir essa falta o governo mande e se faça respeitar e obedecer, em vez de esperar, de pedir e de condescender, nada se conseguirá a prol da causa de nossos empenhos.

Como pois tudo está nas mãos de V. Ex., eu descanso na esperança de que serei atendido e os meus votos serão aceitos. — Deus guarde a V. Ex. muitos anos. Quartel do comando em chefe das forças expedicionárias na Vila do Rosario, 6 de novembro de 1839. — Illm. e Exm. Sr. Manoel Felizardo de Sousa e Mello, presidente da província. — *Francisco Sérgio de Oliveira*, tenente-coronel, comandante das forças expedicionárias". Se estas e outras quejandas acusações alguma coisa provam contra a primeira autoridade da província, revelam igualmente quebra de ânimo, incerteza e desesperação da parte do comandante das forças e disto dá exuberante prova o trecho de outro ofício escrito pouco depois³³: "Estando já esgotados todos os recursos ao meu alcance, na falta dos meios de que careço para evitar que o cancro que corrói o corpo da província não lhe toque o coração, eu torno a reiterar os meus anteriores pedidos com urgência, começando por exigir a remessa dos habitantes de Caxias e do Codó, que têm iludido as ordens de V. Ex., por estarem ao alcance de que suas ocupações e sem dúvida a falta de quem bem ajude a V. Ex. afaste de si a vigilância, que havendo-a, os tornaria mais respeitadores da boa fé de V. Ex.". Pedindo depois que o presidente lhe enviasse socorro de algumas praças, junta: "que são agora a âncora de salvação". Escusam de comentários estes trechos. O presidente, respondendo, menciona os socorros que já havia mandado, e diz³⁴: "Conheço a situação em que V. S. infelizmente labora, e sei que não a deseja encarecer, nem exagerar, mas nada posso fazer para melhorá-la,

(33) Ofício do comandante das forças ao presidente, com data de 18 de novembro de 1839.

(34) Ofício de 29 de novembro de 1839.

atentos os poucos recursos que tenho, e por isso muitas vezes me vejo obrigado a limitar-me a medidas que pouco adiantam, e a enviar-lhe socorros que apenas servem para manifestarem os bons desejos de que me acho animado". É o presidente, é o chefe do governo provincial quem assim fala, escreve e patenteia sua fraqueza a quem tão fraco e embaraçado se via, e como ele se limitava também a medidas que pouco ou nada adiantavam! Eram as duas primeiras autoridades a quem estava confiada a pacificação da província, que mutuamente confessavam terem esgotado todos os recursos, e que se julgavam na cruel colisão de serem testemunhas impotentes da desgraça do resto da província! Rigoroso dever de historiador nos obriga a confessar que, se inaptos se eles julgavam, muito mais os julgavam todos³⁵. Sem força e sem conceito, estavam atados e perplexos a cada passo. Entretanto a rebelião se estendia a toda a província contagiando as limítrofes, ou antes hordas devastadoras do Piauí e Ceará se passavam para o Maranhão, e os daqui para essas províncias. Para flagelo do Brasil bastava a pertinaz guerra do sul, que por espaço de cinco anos cantos milhares de vidas nos há custado. A do Pará e Bahia não pouco sangraram a já pobre seiva da nossa prosperidade, e esta do Maranhão já ia ultrapassando os limites de uma insurreição popular. A continuarem as mesmas autoridades, infalivelmente a capital da província sofreria sorte igual à de Caxias, o que só da deliberação dos rebeldes dependia; e se eles a tanto se arrojassem, animados como andavam, não haveria aí com que fazer-lhes rosto, porque já atrás fica dito como os seus habitantes possuídos de temor só meditavam na fuga, e o ter o presidente mandado desmontar e encravar toda a artilharia do baluarte e fortaleza prova o seu nímio receio de ser a cidade tomada, e disposição de abandoná-la aos revoltosos.

Capítulo XVII

Novo ministério. Nomeação do coronel Luiz Alves de Lima³⁶ para presidente e comandante das armas do Maranhão: modo lisonjeiro por que foi recebido.

O ministério de 19 de setembro, a cuja frente se achava o Sr. Vasconcellos, depois de haver ostentado um luxo caprichoso de arbítrio, baqueou em consequência de domésticas intrigas: outros ministérios se levantaram, sem importância histórica ou política, até que em 16 de maio de 1839 organizou-se um gabinete, do qual fez parte o conde de Lages³⁷, que pela quinta vez tomou a gerência dos negócios da guerra, de tantos cuidados então, e para a repartição do Império entrou o Sr. Galvão, com aura de entendido em política.

Era até ali o Rio Grande do Sul a pedra de toque dos ministérios, que em vão se afadigavam, mandando contínuos socorros de forças e dinheiro, sem que ao menos boas esperanças lhes colhessem.

Começaram os jornalistas da capital a seriamente ocupar-se com os negócios do Maranhão, que por mal pesados ao princípio, como sempre acontece nenhum valor lhes deram. Particulares correspondências, cidades e vilas tomadas, fazendas devastadas, contínuos horrores, ineficácia do governo provincial, assustaram o povo e desenganaram o ministério da impossibilidade da pacificação desta parte do Império, se continuasse nas mãos em que se ela achava. Reconheceu também o governo geral a necessidade de confiar a um só homem a presidência e comando das armas, para evitar destarte delongas e intrigas observadas agora e em outras idênticas circunstâncias. A escassez, porém de militares de superior patente, aptos para tão importante missão, é entre nós uma das maiores dificuldades em

(35) Como não me foga da idéia que de contemporâneos e para contemporâneos escrevo, muito me receio do labéu de injusto acusador, e por isso e pelo que tenho de dizer transcrevemos aqui o seguinte extrato de uma correspondência oficial do barão da Parnahyba, presidente do Piauí, ao Sr. Luiz Alves de Lima: "A política seguida pelo antecessor de V. Ex. (o Sr. Manoel Felizardo) de tal maneira me desgostou, que tinha já assentado de lhe não comunicar coisa alguma do que nesta província passava: uma tibieza em suas ordens, uma imperdoável falta de correspondência para comigo, e finalmente outros fatos seus, causaram grandes prejuízos a essa e a esta província; direi somente desta que é ele causa de hoje não ter eu mil homens capazes do serviço da guerra. Entretanto todas as forças que lhe chegavam em torno da capital, abandonava o resto da província à sanha dos salteadores; e baldadas foram minhas requisições para que fizesse avançar forças a ocupar Caxias, a fim de, combinadas com as minhas, baterem os rebeldes nessa comarca tão rica quanto desprezada. Deixei finalmente de escrever-lhe; e vi-me na necessidade de retirar minhas forças para as fronteiras, onde as contive no meio de epidemias; ralando-me contudo o coração o abandono em que ficavam tantas vítimas inocentes, em cujo socorro às vezes fazia partir alguma tropa. Lancemos porém sobre isto um véu: meus votos estão satisfeitos. A Providência depurou a V. Ex. para salvar as relíquias de um povo inocente: preste-me os socorros que puder, e conte com os que estão à minha disposição; e estas duas províncias infestadas escaparão à tormenta e embates da fortuna. Ouvi dizer que V. Ex. virá até Caxias e entrará no teatro da guerra, e tal notícia me foi grata, porque conheço quanto a legalidade lucrará com tal medida, e consequentemente, o crédito de V. Ex. — Oeiras, 7 de março de 1840."

(36) Hoje marechal de campo e conde de Caxias.

(37) Hoje marquês do mesmo título.

semelhantes crises: os mais nomeados tinham feito vergonhosas provas, aproveitando-se de sua posição para ilícitamente negociarem com a fazenda pública (que mais não ousou escrever). Depois da desorganização do exército faltaram os incentivos do brio militar, relaxaram-se as molas da subordinação, caiu a disciplina, a fortuna antepôs-se à honra, a ganância substituiu ao brio, e dando os chefes destes exemplos, avultaram subalternos imitadores.

Entre alguns nomes apresentados em conselho dos ministros lembrou-se o mesmo regente do coronel Luiz Alves de Lima, oficial sem nódoa, que há nove anos comandava o corpo municipal permanente da corte, e cujos talentos militares eram assaz louvados, e se engrandeceram na guerra da independência na Bahia, e em cinco anos de campanha em Montevidéu; nem menos valiosos eram seus serviços prestados à tranqüilidade pública restabelecida e sempre crescente, enquanto aos seus cuidados esteve entregue, desde o princípio da regência de seu ilustrado pai, o marechal de campo Francisco de Lima e Silva, até aquela data. A sua bem merecida reputação de bravo, integérrimo e disciplinador, reunia um caráter nobre e firme, que inspirava inteira confiança.

O coronel Luiz Alves de Lima foi, pois nomeado presidente e comandante das armas para o Maranhão, e com poderes para entrar no Piauí e Ceará, ficando sob suas ordens todas as forças que nestas províncias operavam. Mal espalhou-se no Rio de Janeiro tão grata nova, foram a ele oferecer-se muitos oficiais de armas diferentes para o acompanhar na expedição pacificadora do Norte; ele porém escolheu os mais prestantes e de reconhecida probidade.

Aos 22 de dezembro de 1839 saíram do Rio de Janeiro o brigue *Beranger* com tropas e petrechos de guerra para o Maranhão, e a barca de vapor *S. Sebastião* com o coronel Lima e muitos oficiais, e o Dr. Francisco de Sousa Martins, presidente nomeado para o Ceará. Ventos contrários desnorream o brigue, que foi arribado a Montevideo e a barca de vapor a Vitória, capital da província do Espírito-Santo, donde depois de três dias seguiu a sua rota, tocando na Bahia, Pernambuco, e mais províncias que a esta parte demoram, até o Rio-Grande do Norte, onde ao abicar na barra aos 16 de janeiro quebrou a quilha em um penedo oculto nas águas, assaz perigoso nas marés baixas. Reconhecida a impossibilidade de poder a barca continuar a viagem pelo grande dano que sofreu, ali ficamos doze dias na cidade do Natal, até que de Pernambuco chegou o brigue escuna Guararapes, comboiando uma escuna com tropas para a província rebelada, e ali tocara para receber o contingente de cem homens daquela província. A bordo do brigue fizemo-nos à vela a 28 de janeiro; deixamos no Ceará o Dr. Sousa Martins, que rendeu o presidente João Antonio de Miranda, removido para a província do Pará, e continuando nossa viagem, ancoramos no porto do Maranhão a 4 de fevereiro de 1840; a 5 desembarcamos com toda a solenidade devida à pessoa do novo presidente e comandante das armas, que no meio de geral contentamento tomou posse no dia 7 de fevereiro, com todas as formalidades do estilo.

Os que já de nome e fama o conheciam, o saudaram alegremente, e os jornais da província, a quem não eram ocultas as eminentes qualidades do novo chefe, em seu favor se dispuseram; e desde já notaremos que nunca a seu governo fizeram a menor oposição e censura, antes sempre o exaltaram, e nisto cada partido quis sempre avantajarse ao contrário. Tanto é certo que o grande homem que no desempenho de seus sagrados deveres não mira a qualquer outro fim, impõe silêncio à mesma inveja e à intriga. Os grandes homens se mostram nas grandes ocasiões, como os pequenos nelas desaparecem.

Capítulo XVIII

*Política do presidente. Estado lamentável em que se achava o exército.
Providências que cortaram despesas inúteis: restabelecimento da disciplina.*

Já empossado da presidência e do comando das armas do Maranhão dirigiu o Exm. Sr. coronel Lima uma proclamação³⁸ a toda a província, anunciando não só a sua posse, como seu pensamento político e a marcha que pretendia seguir; o que muito convinha, por estar então a província dividida em dois partidos rancorosos, que mútua guerra se faziam. Nunca autoridade alguma tão fielmente cumpriu sua promessa de retidão e de imparcialidade: "Maranhenses (diz a proclamação), mais militar que político, eu quero até ignorar os nomes dos partidos que por desgraça entre vós existem". E nisto mesmo mostrou ele que compreendia a boa política tão bem como a ciência da guerra. Foi esta idéia aceita e louvada pelos partidos, que apesar de suas vertigens ostentam sempre aparências de justiça e de imparcialidade, quando mesmo reclamam sacrifícios destas virtudes sociais em favor de seus caprichos.

Há nos governos livres certos homens, que se julgam os representantes, de fato e de direito, de vontades que nunca teve o povo em cujo nome falam; estes tentaram chamá-lo a si; o presidente porém tão firme permaneceu no seu fundamento, que os acérrimos partidistas recuaram, e reconheceram ser a força do seu ânimo igual à justiça e atividade de seus movimentos na guerra, e desenganados de qualquer parcial apoio louvaram a retidão de seu procedimento.

Muitas vezes porém o caráter e boas disposições da primeira autoridade são alteradas pelo círculo em que gira, e por aqueles que devem cumprir suas ordens: para evitar tropeços desta origem nascidos, mui escrupulosamente o sagaz presidente escolheu os oficiais que o acompanharam, e como o secretário do governo que existia na província fosse pessoa assaz malquista, e votada a um dos partidos com o fundamento de obter votos para deputado, o presidente já instruído, e não querendo ver malogrados seus esforços, conservando junto a si pessoa que lhe era tão estranha, nomeou-me secretário do governo, na certeza que em leal amigo encontraria dedicação e conformidade de política.

Saltava aos olhos a irregularidade da divisão das forças que na província operavam: aparatosas brigadas sem gente; os chefes vencendo gratificações correspondentes a seus títulos, e os soldados percebendo, além dos soldos e etapas, rações dobradas, segundo se intitulavam casados; e soldado havia que até dez rações recebia, a pretexto de igual número de supostos filhos: velhos e inertes oficiais das extintas milícias, fugitivos de suas casas, viviam nos acampamentos com soldo e gratificações de campanha, sem que de proveito fossem.

Nenhum mapa do pessoal e material havia, de modo que se pagava sem saber a quem, e ao capricho de quem facilmente abusar podia destas irregularidades. Já começava a faltar gado e gêneros para tantos desperdícios, e esta falta sensível lhes aumentava o preço. Cada comandante de partilha entrava nas fazendas, tirava o que queria, segundo a menor probidade de cada um; e grandes eram os queixumes contra muitos, que não desdenhavam aproveitar-se do terror dos fazendeiros. No meio de tantas desordens estavam os cofres esgotados, a dívida avultava, e por falta de pagamento negavam os fornecedores os seus gêneros a crédito. Para opor um dique à torrente caudalosa dos extravios, ordenou o presidente e comandante das armas que as forças empregadas na pacificação da província se intitulassem — Divisão pacificadora do Norte —, e se compusessem de tantas colu-

(38) Proclamação — Maranhenses! Nomeado presidente e comandante das armas desta província, por carta imperial de 12 de dezembro de 1839, eu venho partilhar das vossas fadigas, e concorrer quanto em mim couber para a inteira e completa pacificação desta bela parte do Império. Um punhado de facciosos, ávidos de pilhagem, pôde encher de consternação, de luto e sangue, vossas cidades e vilas! O terror, que necessariamente deviam infundir-vos esses bandidos, concorreu para que se engrossassem suas hordas; contudo, graças à Providência e às vitórias até hoje alcançadas pelos nossos bravos, seu número começa a diminuir diante das nossas armas. Mais um esforço, e a desejada paz virá curar os males da guerra civil. Qualquer que seja o estado em que se achem hoje os rebeldes, eu espero com os socorros que o governo geral vos envia; e com a força que me acompanha, fortificar nossas fileiras, e não abandonar-vos enquanto os não houver debelado. Eu passo a fazer os melhoramentos que julgo necessário ao nosso exército, e com a maior brevidade possível me colocarei à sua frente. Maranhenses! Mais militar que político, eu quero até ignorar os nomes dos partidos que por desgraça entre vós existem. Deveis conhecer a necessidade e as vantagens da paz, condição da riqueza e da prosperidade dos povos; e confiando na Divina Providência, que por tantas vezes nos tem salvado, espero achar em vós tudo o que for mister para triunfo da nossa santa causa. — Palácio da presidência na cidade de S. Luiz do Maranhão, 7 de fevereiro de 1840 — Luiz Alves de Lima.

nas volantes quantas fossem necessárias, começando por distribuí-las em três colunas compostas de batalhões provisórios, segundo um plano o mais econômico dado na sua primeira ordem do dia. As tropas que ocupavam as comarcas de Caxias e Pastos-Bons ficaram pertencendo à primeira coluna, e dela foi nomeado comandante o coronel Sérgio (ex-comandante em chefe). A brigada do tenente-coronel José Thomaz Henriques reduziu-se à segunda coluna, sob o comando do mesmo tenente-coronel, que operava na Vargem-Grande e na comarca do Brejo; e o tenente-coronel Favilla, que também comandava outra brigada, ficou comandando a terceira coluna, que ocupava a vila do Icatu e as margens do rio Munim.

Para dar exemplo da rigorosa e necessária economia que estabelecia, tomou para si um só ajudante de ordens, que também servia de secretário militar³⁹; e encarregou o tenente-coronel de engenheiros Antônio Nunes de Aguiar⁴⁰ das duas repartições de ajudante-general e de quartel-mestre general, com os únicos vencimentos de oficial de engenheiros em campanha, e entregou o comando da guarnição da capital e a instrução geral da guarda nacional ao coronel Manoel de Sousa Pinto de Magalhães⁴¹. Determinou que nenhum comandante de coluna tivesse direito às gratificações de comandante de brigada senão quando a força de seu imediato comando excedesse a mil praças; que não tivesse direito às gratificações de comandante de corpo o oficial que menos de trezentas praças comandasse; e que não se reputasse companhia as menores de cinquenta: que as praças destinadas à guarnição das fortalezas, pontos e vilas, não tivessem vantagens das em operações. Autorizou os comandantes de colunas e dos corpos a recrutar nos distritos em que se achassem, e que as praças novamente recrutadas não fossem abonadas de soldos sem que primeiro se enviasse uma relação delas ao quartel-mestre general, com todas as declarações, para que este a rubricasse e comunicasse ao pagador das tropas. Que as relações de mostra assinadas pelos comandantes de companhias fossem examinadas e rubricadas pelos comandantes de corpos e colunas, e finalmente pelo quartel-mestre general. Mandou pôr em execução a tabela de 28 de março de 1825, que marca as rações de etapa. Extinguiu o comissariado geral⁴². Criou comissões⁴³ compostas dos comandantes das colunas e de cidadãos mais notáveis dos lugares para avaliação e compra de gados e mantimentos, cujos documentos eram assinados pelos membros delas. Organizou hospitais, e um geral na capital. Nomeou médicos, cirurgiões e capelães para todos os acampamentos e corpos, criou um depósito de tropas na capital, e além destas sábias providências, que diminuiram inúteis despesas e extravios que até ali se faziam, publicou outras muitas ordens para restaurar a disciplina, manter a economia no exército, favorecer a lavoura e o comércio da capital com o do interior da província⁴⁴.

Todas estas providências, fáceis de se dizer, muitas dificuldades e oposição encontrariam, se outro menos determinado em vencer obstáculos do uso as quisesse pôr em prática, porque quando entre nós se trata de economia, e como estas que cortaram a metade das despesas, não faltam descontentes que se julgam lesados, porquanto o impudente desfrute da fazenda pública, tem-se tornado entre nós coisa trivial e ordinária.

E quantos por aí andam mui elevados e prazenteiros, que se não pejam de ostentar improvisadas riquezas, não abonadas por outra indústria e comércio, como se já lhes não pesasse o rótulo infamante de sua mal adquirida posse patente aos olhos de todos!

(39) O tenente Agostinho Maria Piquet.

(40) Hoje coronel.

(41) Hoje brigadeiro.

(42) Ordem do dia nº 27, do 1º de abril de 1840.

(43) Ordem do dia nº 6, de 15 de fevereiro de 1840.

(44) Ordens do dia nº 4 e 9, de 12 e 21 de fevereiro de 1840.

Capítulo XIX

Distribuição dos rebeldes e das forças legais. Primeiros movimentos militares ordenados pelo presidente e comandante das armas.

Já dissemos que nenhum mapa havia do pessoal das nossas forças, mas por um cálculo aproximativo calculava-se em quatro a cinco mil homens; e menos se podia saber o exato número dos rebeldes, que modestamente computava em cinco ou seis mil⁴⁵ distribuídos pelo modo seguinte. Perto de dois mil na comarca do Brejo, desde a Tutoya até o Morro Agudo: igual porção na comarca de Pastos-Bons e diferentes grupos ao lado de Caxias, cuja cidade logo depois da posse do novo presidente foi pela segunda vez evacuada pelos rebeldes entrando nela o coronel Sérgio, que aí estabeleceu seu quartel do comando da primeira coluna. Como os rebeldes não defendiam ponto algum, não tinham acampamentos fixos, e fugitivos se apinhavam para os lados menos explorados, caindo de improviso nas fazendas para se refazerem do necessário, e atacando as vilas e pontos fracamente guarnecidos para tomarem algumas armas e munições. Este jeito de guerrear obrigava o governo a ter sempre as vilas e pontos bem guarnecidos, além das partidas exploradoras para todos os lados; por conseguinte necessitávamos de dobradas forças, e as existentes não bastavam, além de estarem mal armadas, municionadas e vestidas, muitas praças quase nuas, no que se não distinguiam dos rebeldes. Vinham companhias inteiras só de calças rotas ou camisas, e de correame de couro cru sobre a pele; uns só com espadas e outros com armas de caça, e bem condizia a disciplina com o grotesco de seus uniformes. Todos os nossos pontos ameaçados pelo inimigo estavam guarnecidos em proporção da pouca gente de guerra que então tínhamos. Eram esses pontos a Tutoya, Priá, Icatu, Rosario, Itapucuru-mirim, Aldêa-Velha, Santo Antonio, Caxias, Rio Alpercata, Vargem-Grande, Miarim, Campos de Anajatuba, a capital e outros intermediários menos importantes. As tropas do Piahy ocupavam a vila da Parnahyba, Passagem da Repartição, em frente da vila do Brejo, barra do Poty, Santo Antonio: todos estes pontos e outros ocupados no Piahy demoram à margem direita do rio Parnahyba, que divide as duas províncias.

Nos meses de janeiro e fevereiro de 1840 tinham os rebeldes convergido para a comarca do Brejo, cuja vila era por eles ocupada, e aí não tínhamos força alguma. Pelo que ordenou ao tenente-coronel Luiz Antonio Favilla, comandante da coluna acampada no Icatu e encarregada de cobrir a capital, que ali deixando um forte destacamento, avançasse pelo lado da Miritiba e Bella-Agua, e perseguisse os rebeldes que naqueles lugares se achavam, do que resultou serem eles destroçados, e muitos se apresentaram ao dito tenente-coronel. Mandou que o tenente-coronel José Thomaz Henriques, comandante da coluna acampada na Vargem Grande, guarnecesse convenientemente aquele ponto e o da vila da Manga, e marchasse para a Chapadinha contra a força dos rebeldes Raymundo Gomes e Pedro Alexandrino, combinando seus movimentos com os das tropas legais sob a direção do tenente-coronel Manoel Antônio da Silva⁴⁶, que se achava além do Parnahyba (província do Piahy), a quem ordenou que atravessasse aquele rio, entrasse na vila do Brejo, e atacasse pela retaguarda o mencionado Raymundo Gomes e Pedro Alexandrino; devendo estas duas forças fazer junção na vila do Brejo, batidos que fossem os rebeldes. Destas operações tão bem ordenadas resultou a ocupação daquela vila, como adiante veremos. Ordenou mais o presidente ao coronel Sérgio, comandante da coluna acampada em Caxias, que fortificando aquela cidade de mo-

(45) Muito mais de seis mil existiam, como depois verificou-se.

(46) Hoje coronel.

do tal que não deixasse probabilidade de ser retomada (para o que lhe mandou um oficial de engenheiros, artilharia, armamento, dinheiro e mais munições de guerra e de boca), fizesse marchar quatrocentos homens em perseguição dos rebeldes, para o lado do Morro Agudo, na direção do Brejo, a fim de envolver entre esta força e a dos tenentes-coronéis José Thomaz Henriques e Manoel Antônio da Silva; de que falamos, os rebeldes fugitivos que para aquela parte se dirigissem. Determinou outrossim ao coronel Sérgio que abrisse comunicações pela barra do Poty com as forças do Piauí, que explorasse as matas de Pastos-Bons, e se comunicasse com o tenente-coronel Diogo Lopes de Araújo Salles.

Toda a tropa que o presidente pôde levantar nas comarcas de Alcântara e Vianna mandou marchar para o Miarim, sob o comando do capitão de artilharia Sérgio Tertuliano Castello Branco⁴⁷, a fim de cobrir e deixar intactas aquelas importantes comarcas; e expediu para o Icatu um batalhão formado com os contingentes que trouxera das províncias onde passara, cujo comando entregou ao major de comissão Luiz José Ferreira⁴⁸. E tendo assim tudo disposto para marchar para a campanha entregou o comando militar da capital ao distinto coronel Manoel de Sousa Pinto de Magalhães, com instruções para poder obrar em qualquer ocorrência.

(47) Hoje major.

(48) Hoje tenente-coronel e comandante do 8º batalhão de caçadores de 1ª linha.

Capítulo XX

Primeira saída do presidente para a campanha. Movimento e marcha das tropas do Icatu e Itapucuru-mirim para Vargem-Grande e Caxias. Tentativas dos rebeldes sobre o Pará. Notícias do Piauí. Desastre da Miritiba.

Na madrugada do dia 7 de março saiu o presidente da capital acompanhado de seu estado maior: chegamos ao meio-dia à vila do Paço de Lumiar, e continuamos até a vila de S. José dos Índios, onde pernoitamos. Aí nos esperava o capitão-de-fragata Joaquim Marques Lisboa, comandante da divisão naval, e outros oficiais de marinha; apesar da copiosa chuva da estação, embarcamos no crástino dia para Icatu. Todas essas vilas são miseráveis, e a de S. José não passa de algumas palhoças de pescadores. Do Icatu à margem do Munim fez o presidente marchar quinhentas praças sob a obediência do major Feliciano Antonio Falcão, que desde o desastroso ataque das Arêas ficara sem ser empregado, por intrigas de que foi vítima, sendo aliás oficial moço, honrado e severo de costumes, posto que não experimentado, por ser esta a primeira guerra que fazia: o presidente porém, que se não deixava iludir por insinuações, descobrindo as boas qualidades de sua pessoa, o tirou do esquecimento, quase da morte; e lhe quis dar esta ocasião de restabelecer seu crédito: ordenou-lhe que fosse com aquela gente reforçar a coluna do centro, acampada na Vargem-Grande, que devia tomar a vila do Brejo (como atrás fica dito) e bater o grupo rebelde de Pedro Alexandrino. Fez igualmente sair daquela vila um troço de duzentas praças, capitaneadas pelo arrependido Domiciano Ayres, com o fim de rechaçar os negros aquilombados na direção da costa, entre a Miritiba e as Preguiças, perto da Tutoya; e tendo dado outras providências sobre economia e disciplina, de novo embarcamos para a vila do Rosário, margem do Itapucuru, onde três dias nos demoramos. É esta vila talvez a mais importante e fértil de toda a província, posto que mal construída, como todas as outras. O presidente inspecionou todos os pontos colocados à margem do Itapucuru, até a vila do Itapucuru-mirim onde chegamos aos 16 de março, sempre debaixo de grande aguaceiro. Dali expediu para Caxias o batalhão de artilharia forte de trezentas praças, sob o comando do major José Vicente de Amorim Bezerra⁴⁹, para daquela cidade poder marchar igual força sobre Pastos-Bons, afim de incorporar-se às tropas

(49) Hoje tenente-coronel e comandante do 4º batalhão de artilharia a pé de 1ª linha.

do tenente-coronel Diogo Lopes de Araújo Salles, e impedir que os rebeldes daquela vasta comarca atravessassem o Tocantins e se acoutassem no Pará, como tentavam, e onde achariam grandes meios de nos fazer a guerra por longo tempo. O cauteloso presidente, ciente deste plano do inimigo, oficiou logo ao presidente do Pará, indicando-lhe a conveniência de mandar guarnecer a margem esquerda daquele rio, que separa as duas províncias, para em tempo evitar o contágio da rebelião; do que surtiu bom resultado. Para o Piauí passavam-se os rebeldes, vadeando o Parnahyba, posto que alguns pontos nossos houvesse na margem direita deste rio; mas a sua longa extensão não podia ser guardada convenientemente, e em qualquer parte se deixa o rio atravessar por pequenos cascos, ou mesmo a nado. E como isto o presidente soubesse, mandou para aquela província repetidos socorros de tropas, armamento, munições e dinheiro. Na tarde do dia 23 de março mandou o presidente marchar da vila em que se achava a companhia de imperiais marinheiros, sob o comando do primeiro-tenente da armada Manoel Luiz Pereira da Cunha, com direção para Vargem Grande, e na madrugada seguinte cavalgou ele para o mesmo lado.

Ali chegando, recebeu a notícia de ter sido a Miritiba assaltada pelos rebeldes na noite do dia 19 daquele mês. Devia aquele ponto estar guarnecido por duzentas praças sob o comando do capitão João Luiz de Castro da Gama: ele porém sem reflexão alguma mandou em explorações cento e cinquenta homens, deixando apenas cinquenta, dos quais alguns enfermos, e outros distantes do entrincheiramento ocupados em pesca e salga de peixe para proveito do dito capitão, que neste comércio ilícito aviltava a sua patente: fica isto dito para exemplo e correção de muitos oficiais baldos de honra e capricho militar, que na guerra e na paz procuram tirar vantagens pecuniárias. Como isto soubessem os rebeldes o atacaram às dez horas da noite, e o infeliz capitão sem ter quem defendesse o ponto e a si, pagou com a vida a sua relaxação: roubaram os rebeldes o que acharam, e nos tomaram alguns cunhetes de cartuxame e as poucas armas que ali havia.

Tanto que esta notícia chegou ao presidente, expediu ele o primeiro-tenente da armada Pereira da Cunha com a companhia de imperiais marinheiros para o Icatu, com ordem de seguir para Miritiba, e como já tivesse conferenciado com o tenente-coronel José Thomaz Henriques, determinando-lhe o que devia fazer para tomar a vila do Brejo, deixou o acampamento da Vargem Grande no dia 29 daquele mês, e no seguinte chegou a Itapucuru-mirim que daquele ponto dista doze léguas. Nesta vila central bem situada à margem direita do rio, e toda entrincheirada por ordem dele, havia estabelecido seu principal depósito de munições e víveres, para facilmente socorrer todos os pontos, e um hospital onde se tratassem os enfermos dos próximos destacamentos, que não tenham cirurgiões e comodidades necessárias. Dali descemos pelo rio até a vila do Icatu, donde expediu novas partidas para a Miritiba, dali distante treze léguas, e outra para a Bella Água.

Capítulo XXI

Revolta da vila de Paranaguá, no Piauí: considerações sobre o estado da rebelião: falta de recursos

Além do desastre da Miritiba e da tentativa dos rebeldes sobre o Pará recebeu o presidente ainda na Vargem Grande notícia oficial de que a vila de Paranaguá estava rebelada, apresentando uma força de seiscentos homens, que era mais que suficiente para acarretar outros muitos, rebelar toda aquela província, já semeada de revoltosos. Este acontecimento nada mais era do que o prosseguimento de uma rebelião crescente desde seu princípio e nunca refreada, e que nem havia

tocado ao apogeu do seu completo desenvolvimento e grandeza. O que se colige do grande e progressivo número de rebeldes, dos muitos lugares ainda não contatados e sem forças para resistir-lhes, da nossa pouca e mal armada gente de guerra, das participações de todos os comandantes militares e autoridades do interior das duas províncias, das quais algumas citamos e outras temos ante os olhos da correspondência oficial do presidente do Piauí⁵⁰, dos costumes desses homens que na rapina achavam todos os recursos, além do que, amoldados à vida errante em meio dos seus bosques, quase nus, não sofriam as necessidades das nossas tropas submetidas à disciplina. Assim pois, longe de estar expirante a rebelião, novo vigor adquiria, e tal era o estado em que achamos a província: entretanto o Sr. Manoel Felizardo que, como vimos, inocente fora iludido pelo seu antecessor em março de 1839, oficiou para a corte em 5 de fevereiro de 1840 (um dia depois de já estarmos no Maranhão!) dando mui boas novas e até marcando breve prazo para a completa pacificação; o que lhe não atribuímos à inteira má fé, nem à vanglória de engrandecer seus serviços, porque certos estamos que desde o começo de sua administração, dando ele sempre notícia do crescimento espantoso da rebelião, arrebatava com lisonjeiras promessas, que logo se desmentiam; e como foi ele o portador deste seu último ofício, que nenhuma embarcação saiu do porto de S. Luiz para o do Rio de Janeiro antes da barca que o transportou no seu regresso à corte, explanou quanto fora de desejar que tão agradavelmente se realizasse. Não teriam aqui lugar estas observações se o governo imperial, que lhe deu inteiro crédito, se não descuidasse de socorrer esta província, pensando estar tudo concluído, e deixando o Sr. Luiz Alves a braços com mil dificuldades, sem lhe enviar os pedidos de armamento e dinheiro; de jeito que, além de quatrocentas armas, outros tantos fardamentos, alguns oficiais e praças que o acompanharam, cento e cinquenta contos de réis em dinheiro, e a barca de vapor *Fluminense*, para servir nos rios da província, nada mais lhe mandou; vendo-se o presidente obrigado a comprar por alto preço armamento e munições de guerra e de boca para seis mil homens! Da facilidade com que vemos as coisas graves danos resultam às vezes. O que seria do Maranhão e do Piauí se o Sr. Luiz Alves, imitando os seus antecessores, se conservasse na capital da província, e atenuando em sua mente o mal, lhe não acudisse com pronto e eficaz remédio! Por esta facilidade e menos preço, a faísca da vila da Manga incendiou toda a província, e nove bandidos levantaram mais de nove mil! Em um povo desmoralizado e corrupto, como o nosso, pelos maus exemplos de tantos mil pequenos empregados de sua mesma natureza, não há febre que em delírio não depare, nem delírio que não termine em grande mortandade e devastação.

Capítulo XXII

Tomada da vila do Brejo: grande ataque nas matas do Egipto e Curimatá, no Piauí

Apesar das copiosas chuvas de abril e maio, andaram numerosas partidas das três colunas em contínuas explorações, e muitos encontros e tiroteios tiveram com os magotes errantes, sempre com prejuízo deles. Segundo o plano de ataque do presidente, marchou o tenente-coronel José Thomaz Henriques para a vila do Brejo, enquanto do acampamento da Sapucaia, além do Parnahyba, seguia o tenente-coronel Manoel Antonio da Silva, procurando ganhar a margem esquerda do rio. Das tropas deste passaram o rio trezentas e vinte praças para ocupar a vila do Brejo, e foram recebidos com o fogo de mil e duzentos rebeldes, capitaneados pelo

(50) Ilmo. e Exm. Sr. — Quando em meu ofício para V. Ex. datado de 21 de março último disse eu que tristes eram as circunstâncias do Piauí, não o considerava contido no iminente perigo em que se acha hoje. Os desordeiros de Paranaguá, que a princípio se mostravam receosos de encarnar minhas forças, agora audazes com o incremento que tem tomado a revolta, e animados pela junção de grandes partidas dos rebeldes de Pastos-Bons, proximidades de outras, marcham a atacar as minhas ali postadas e a esta hora ou terão travado batalha, ou lhe teremos cedido algum terreno, o que será em verdade para sentir, mas irremediável: porque a fraqueza numérica das forças legais e a pouca munição que têm lhes não dão lugar a resistirem a forças muito mais superiores. Nestes apuros não sei com que oporei tropeços às pretensões de tais tresloucados, e se, como creio, forem as forças dos sublevados do Paranaguá muito superiores às que tenho em sua frente, muito é para temer um sucesso funesto às nossas armas, porque havendo-se elas colocado nas raías dos municípios de Jeromenha e Paranaguá, para impedir o contágio da revolução naquele, vejo que as partidas dos de Pastos-Bons dividem-se em avultados grupos; e quando uns procuram juntar-se com os sublevados, outros ocupam o importante ponto de Urussuhy, que quase cobre a resguarda das minhas forças, e parece que somente aguardam a ocasião em que se elas batam com os primeiros, para lhes darem pela retaguarda ou pelo menos cortarem-lhes a comunicação com esta capital, ou com os pontos que ficam a este, o que não lhes será difícil! Para evitar este mal seria preciso que à minha disposição estivessem recursos de maior entidade; mas tendo apenas nesta capital cem armas, e carecendo de munição, suficiente para sua defesa quando seja agredida, só V. Ex. poderá removê-lo fazendo sem perda de um momento marchar uma força de cem praças bem municadas na direção da vila de Jeromenha, donde tomará o destino que as circunstâncias exigirem etc. Piauí, 7-4-1840.

caudilho Pedro Alexandrino, que pouco a pouco recuando e cuidando ser esta a única força que os acossava, deixaram os nossos entrar para melhor depois acorrilhá-los; mas quando contavam que se rendessem os nossos pela fome, foram de improviso acometidos por trezentos pernambucanos comandados pelo major Antonio Gomes Leal⁵¹, que fazia a guarda avançada da coluna de novecentos homens do tenente-coronel José Thomaz Henriques, e em poucos minutos os dispersaram completamente, matando e ferindo os que resistiam; e assim tomou-se a vila do Brejo.

(51) Hoje tenente-coronel.

Continuaram as explorações naquela comarca com tanta assiduidade, que as partidas daquela coluna se encontraram com as de Caxias: atravessaram os rebeldes o Parnahyba, e Raymundo Gomes acoutou-se em uma fazenda denominada Conceição, além do rio, onde reunindo a sua gente, preparava-se para voltar ao Maranhão. "Por comunicações interceptadas aos rebeldes (escreveu o presidente para a corte⁵²), sei que seu plano é contramarchar e procurar reunir-se, para todos juntos atacarem um dos nossos pontos do Itapucuru ou Munim, onde eles sabem que tenho menor força, a fim de se municarem e se armarem; mas creio que não conseguirão (só se houver alguma traição da parte dos defensores), pois que todos os pontos estão fortificados e com guarnição suficiente para se defenderem de qualquer ataque." O parêntese deste período mostra a providência do general, que sem temor do perigo receava alguma perfídia; o que desde já notamos pelo que adiante escrevemos.

(52) Ofício de 16 de maio de 1840, dirigido ao conde de Lages, ministro da guerra.

O bravo tenente Conrado José de Lorena Figueiredo, à frente de um troço de duzentos homens, entrou no território do Piauí depois de bater os rebeldes nos lugares denominados Cabeceiras, Crista, Remanso, Lagoa do Meio, Curral Velho, Bocca da Matta, Curralinho, Macaco, Barro Vermelho, e fez junção com as forças daquela província comandadas pelo coronel José Feliciano de Moraes Cid, e com ele de acordo atacaram a 7 de maio o inimigo em número de dois mil, entrincheirados nas matas do Egypto e Curimatá. Sustentou o tenente Lorena o ataque pela retaguarda, e o coronel Cid investiu pela frente, resultando a derrota dos desordeiros no Piauí; muitos ali ficaram sem vida, e mais de mil, entre eles Raymundo Gomes, atravessaram o Parnahyba e de novo vieram acoutar-se no Maranhão. Depois deste ataque fizeram-se trezentos e trinta e sete prisioneiros, além das duzentas e sessenta e cinco mulheres e quatrocentas e oitenta e nove crianças que os acompanhavam.

A esse mesmo tempo o major Luiz José Ferreira acometeu os bandidos no ponto da Tabatinga, estrada das Preguiças, onde existiam quatorze trincheiras; foram eles derrotados e arrasados seus entrincheiramentos.

Capítulo XXIII

Abertura da assembléia provincial: marcha do presidente para a Miritiba: ataque do Matão Grande

O presidente, já de volta na capital, abriu no dia 3 de maio a assembléia provincial, apresentando o seu relatório das urgentes necessidades da província, o qual com muitos sinais de consideração foi geralmente acolhido; e o corpo legislativo provincial, encetando seus trabalhos, sempre de acordo com o presidente, sem o menor vestígio de oposição, decretou algumas leis úteis, conforme as propostas do relatório.

Com o pequeno triunfo que alcançaram os rebeldes na Miritiba, começaram eles animosos a pender para aqueles lados, e também porque perto da costa

achavam recursos na pesca e bastante gado nas fazendas circunvizinhas. A maior parte dessas hordas era de negros sublevados sob a direção do facinoroso Cosme, fugitivo da cadeia da capital; e o número deles já passava de mil, que pelo egoísmo dos senhores mais sustos davam do que os mesmos rebeldes livres, não só pelos prejuízos que já sofriam os senhores, como pelo temor que desencaminhassem os que ainda se conservavam debaixo do jugo senhorio.

Fundado era este receio, porque não se descuidavam os aquilombados de atrair os outros, e o seu número continuamente crescia.

Tinha o presidente os olhos sobre aquele ponto da província próximo à capital, e por falta de gente não marchava sobre eles, que não ousava distrair as tropas ocupadas em outros pontos longínquos e importantes: com grande dificuldade reuniu trezentas e quarenta praças, entrando neste número a companhia de imperiais marinheiros, e com elas a bordo do vapor *Fluminense* saiu da capital aos 17 de maio, com intento de fazer um desembarque na Miritiba e dirigir ele mesmo o ataque: mas já ali não estavam os bárbaros errantes, que só se demoravam em um lugar enquanto ali havia com que satisfazer suas limitadas necessidades.

Estava todo o terreno alagado, e apesar disto marchou o presidente para o Pará; dali mandou seguir a pequena força que o acompanhava até a Ribeira, quatro léguas além, onde o inimigo se tinha entrincheirado: travou-se a peleja, e depois de duas horas de fogo deixou-nos ele o entrincheiramento, alguns mortos e sangue que maiores prejuízos anunciava. Continuou a nossa partida exploradora sob a direção do capitão Joaquim Pereira Chaves Garalhada, até que por falta de víveres, e por se ter molhado todo o cartuxame na passagem do rio Ribeira, assaz abundante e crescido com as contínuas chuvas, viu-se obrigado a demorar-se no lugar — Matão Grande —; e quando se preparava para seguir para a Bacaba, dali distante légua e meia, foi a nossa partida acometida pelos rebeldes em grosso número, que por um desconhecido trilho chegaram às sete horas da noite: travada a refrega em grande confusão e desordem, prolongou-se até às três horas da madrugada: com todas as armas brigaram, e mesmo aos socos e facadas, e incendiaram-nos o abaracamento, mas pondo-se alguns dos nossos bravos através das chamas, salvaram todo o cartuxame. O vil inimigo ouvindo o toque das cornetas, que em diversos lugares soavam, persuadiu-se talvez ser maior a nossa força, cuja corajosa resistência os desconcertava, e posto fosse ele tão numeroso que bem podiam três dos seus lutar com um dos nossos, mal começou a bruxulear o dia procuraram na fuga o salvamento, deixando dezenove mortos e muitos rastros ensanguentados.

Nós lamentamos a perda do benemérito capitão Manoel José da Fonseca e de nove soldados.

O presidente, que por longo tempo não podia estar ausente da capital, por ter de sancionar a lei do orçamento para aquele ano financeiro e outras que se promulgassem, regressou no dia 24 daquele mês, deixando alguns pontos ocupados naquela costa, e uma canhoneira para protegê-los.

Capítulo XXIV

Revolta da vila do Itapucuru-mirim: plano dos revoltosos: ataque do Gaiola: consequências favoráveis desta revolta

Falamos em alguns capítulos, e particularmente no número 19, do miserável estado das nossas tropas, a quem se deviam fardamentos e soldos de seis e nove meses. Sofriam estas pobres máquinas de guerra com inaudita coragem e resignação todas as privações e misérias, mas qualquer mais ousado poderia chamá-las

à revolta, e toda a atividade, rigor ou bondade de um general não se estende a impossíveis. O presidente, que temia o descontentamento da tropa, e não se julgava livre de alguma perfídia, não cessava de requisitar ao governo imperial dinheiro e munições; mas o governo, todo ocupado com a guerra do sul, desdenhava a do norte.

Por falta de pagamento de soldo sublevou-se em 14 de junho a guarnição militar da vila de Itapucuru-mirim; prendeu alta noite com força armada os seus oficiais, inclusive o major comandante Carlos Augusto de Oliveira⁵³, que bastante enfermo se achava. Com tão infausta nova espalhou-se de súbito o terror por onde ela mais ou menos alterada passava, e assombrada, ficou a capital. No dia 16, em que recebeu o presidente esta notícia, mandou logo ordens a todos os pontos circunvizinhos que fizessem com toda a brevidade seguir forças contra os revoltosos que a vila haviam senhoreado, e nesse mesmo dia sem demora alguma, levando da guarnição da capital um destacamento, partiu a bordo do vapor *Fluminense* para o ponto sublevado, onde desembarcou vinte e quatro horas depois. Julgamos dever expor todas as circunstâncias desta revolta, que a não ser como foi tão rapidamente abafada, teriam brotado as mais funestas conseqüências. João do Rego Barros, segundo-sargento de caçadores de montanha, ressentido de haver sido preterido pelo ex-presidente, premeditou vingar-se na primeira ocasião: para isso atraiu o sargento quartel-mestre do batalhão provisório do Itapucuru-mirim Antônio Cyriaco dos Passos, o primeiro-sargento da Bahia Ezequiel Luiz da França, e o sargento-brigada Carlos Ilsleiber (alemão engajado), subornou os soldados e excitou-os a que reclamassem seus soldos atrasados. Como por uma medida tomada pelo major comandante da praça, em conseqüência do aparecimento de alguns pasquins em que se davam vivas aos bemevis, permanecessem os oficiais durante a noite reparados pelos pontos avançados, fácil foi a um sinal dado pelas três horas da madrugada apoderarem-se os soldados de seus oficiais, desarmá-los e pô-los em custódia, com tanto respeito porém que os não ofenderam.

Ficou o sargento Rego Barros e companheiros senhores da vila, e logo expediram para a Bella Água uma mulher, e para o Caraubal um próprio com mensagem aos rebeldes, que o Barros esperava em socorro seu; e por isso, para não causar alarma antes que eles chegassem, mantinha tudo em aparente sossego. Entretanto dirigiu um ofício ao major comandante da vila (que apesar de sua grave enfermidade deixou o leito ao sinal de rebate e por eles fora preso), pedindo pronto pagamento de soldos, declarando ao mesmo tempo que se o não fizesse, ele não responderia pelo resultado: o major temendo comprometer a vila e o ponto rico de munições, que bem se podia avaliar em cerca de duzentos contos de réis, por ser ali como já dissemos o principal depósito; e querendo acalmar a desordem por meios brandos, que outros não tinha, alcançou dos habitantes um empréstimo da necessária soma para aquele pagamento. Nem por isso depuseram os sediciosos as armas, que dado o primeiro passo de insubordinação, inevitável é o segundo, e outros muitos se encadeiam; descuidaram-se porém, e muitos se entregaram a bebidas, e os oficiais tiveram ocasião de se evadir de suas prisões, e nos vizinhos pontos se recolheram: o capitão Manoel Lopes Teixeira Júnior⁵⁴ e mais oficiais que vieram ter à vila do Rosario, deixando aí o major em perigo de vida, subiram pelo rio com cem praças daquela vila, e foram atacar os sublevados, enquanto de todos os lados marchavam outras partidas sobre eles. Como esta força comandada pelo capitão Lopes inopinadamente os atacasse, parecendo aos sediciosos ser mais copioso o seu número, achando-se eles sós, sem o socorro dos rebeldes que

(53) Hoje tenente-coronel graduado, comandante do 4º batalhão de fuzileiros do exército.

(54) Hoje major graduado do estado-maior.

tardavam, amedrontados não ousaram resistir; foram todos desarmados e presos, e como depois vissem ser tão diminuta a força sitiante, planejaram arrambar a fra-ca prisão a atacar pela retaguarda a nossa gente, quando esta fosse para as trinchei-ras defender a vila dos rebeldes com quem contavam, e que deviam chegar por aqueles dias. Aconteceu porém, por felicidade nossa, que o seu emissário a Ray-mundo Gomes não pudesse a ele chegar por estar este chefe com os seus sitiado no Caraubal pelas nossas forças e regressou com esta notícia: a mulher porém, que partira para a Bella Água, chegou ao seu destino, e deu relação do caso; e os rebel-des desde logo, em número passante de trezentos, atravessaram o rio Munim com direção para o Itapucuru-mirim, mas esbarraram no ponto do Gaiola com um des-tacamento nosso, apenas de quarenta praças, comandado pelo tenente Fortunato José da Costa⁵⁵, e aí travou-se viva peleja. Como a nossa pequena força estivesse

(55) Hoje capitão reformado.

entrancheirada em frente de uma casa que lhe servia de quartel, os rebeldes torneando-a lançaram-lhe fogo. Com o incêndio pela retaguarda e com o fogo de trezentas armas pela frente, os nossos quarenta heroicamente resistiram pelo largo espaço de dezoito horas consecutivas. Doze rebeldes ficaram mortos sobre o cam-po, muitos foram feridos, e os mais desalentados retrocederam, deixando comple-ta vitória aos quarenta bravos, dos quais só quatro foram levemente feridos. En-quanto tudo isto acontecia, já o presidente se achava no Itapucuru-mirim, fazendo castigar os revoltosos e submetendo a conselho de investigação os cabeças; guar-neceu a vila com novas tropas, e deixando-a tranqüila, regressou para a capital no dia 25 do mesmo mês. Este pernicioso acontecimento, que ao princípio encheu de terror toda a província, serviu pela rapidez com que foi sufocado, e o exemplo do castigo, para maior disciplina da tropa, infundir confiança na população, e des-concertar as tentativas dos rebeldes. E como todos os oficiais sabiam que o ativo presidente não admitia desculpas de impossíveis e dificuldades, andava tudo com tanta rapidez que admirava.

Capítulo XXV

Miséria do exército e falta de socorros e de política do ministério

Com portarias e palavras não se mantém a guerra, nem se pacificam revol-tas; e o presidente via com grande dor o estado de miséria de suas tropas e os co-fres esgotados, e reiterava seus pedidos para a corte.

Em 21 de julho escreveu ele para a corte o seguinte⁵⁶: "V. Ex. já está infor-mado que a guerra nesta província é toda de emboscadas e de explorações, e que estas se fazem no meio das matas, onde se fortificam os rebeldes. Durante os seis meses de inverno, que não serviu de obstáculo à marcha das operações, estragava-se o fardamento com extraordinária facilidade, e muitos soldados não compare-ciam na forma pela nudez em que estavam: constantemente via-me forçado a fazer algumas remessas, que não chegavam a todos. De oitocentos fardamentos que na corte verbalmente requisitei, só recebi quatrocentos para vestir seis mil homens⁵⁷,

(56) Ofício dirigido ao Sr. Salvador José Maciel, en-tão ministro da guerra.

(57) Então compunha-se a força de seis mil homens, e pouco a pouco subiu a oito mil.

de que se compõe a força do meu comando! Não tive outro recurso senão comprar algum, bem como armamento, por ter recebido somente oitocentos; no que gastei não pequena quantia. Cento e oitenta contos de réis, que daí trouxe, mal chegaram para pagamento de dois meses de soldos atrasados; e hoje não posso continuar a pagar a tropa por falta de dinheiro, o que já deu motivo à revolta de Itapucuru-mirim; nem me é possível manter rigorosa disciplina, quando os soldados mal cobertos estão há cinco e seis meses sem receber coisa alguma, expostos às chuvas e ao sol no meio das matas, atravessando rios e charcos, de que resultou o número de quase dois mil doentes, que constantemente, enchem os hospitais. Além disto, os fornecedores, temendo a mesma falta de nossos meios, recusam vender seus gêneros, e agora muito mais receosos estão com a determinação do ex-ministro da fazenda de não se pagar as dívidas atrasadas nesta província sem que se decrete soma para isso, e só querem negociar a dinheiro à vista, e por exorbitante preço. Em virtude desta citada ordem nem eu posso pagar os soldos atrasados sem que V. Ex. me envie dinheiro e ordem expressa. Além de todas as necessidades desta província, tive e tenho também de atender às do Piahy; e por diferentes vezes para ali remeti dinheiro, que soma em trinta e dois contos quinhentos e setenta mil réis (32.570\$rs.) além de armamento, munições, botica etc. Todas estas dificuldades me colocam em grandes apertos, e vejo-me obrigado a rogar a V. Ex. haja de mandar mensalmente para esta província a quantia de sessenta contos de réis (60.000\$rs.), sem o que me será difícil continuar a manter a disciplina em que tenho esta divisão. Toda a minha vigilância e fiscalização para evitar desperdícios apenas me têm servido de sustentar as coisas até este ponto, porém enfim isto só não basta; é necessário que V. Ex. me atenda e me preste algum auxílio". Este ofício já não encontrou no ministério da guerra o Sr. Salvador José Maciel, que sucedera ao Sr. conde de Lages. Outros muitos ofícios sobre este assunto antes e depois endereçou o presidente ao ministério, sem que fosse atendido como devera. O mesmo não praticou o digno presidente de Pernambuco, o Sr. Francisco do Rego Barros⁵⁸, que sempre desvelado satisfaz toda as reclamações de tropa, dinheiro e munições feitas pelo Sr. Lima.

(58) Hoje barão de Boa-Vista.

Não podemos relevar um fato, que assaz prova o pouco caso e falta de política de alguns ministros. Tinha o ex-presidente Felizardo remetido para a corte uma porção de rebeldes notáveis, apanhados com armas nas mãos, e cuja presença era perniciososa na província: o ministério de então agraciou-os, e os fez regressar, e eles de volta reuniram-se às hordas devastadoras.

Queixou-se disto o presidente Lima, enviando com praça um número muito mais copioso para servir no exército do Sul, e dos quais dizia — "muitos parecerão pela sua idade inaptos para o serviço militar; entretanto nas turmas revoltosas a velhice não se acovarda, antes se recomenda pela ferocidade de caráter e longo hábito do crime". Que fez o ministério? Mandou soltar a todos nas ruas do Rio de Janeiro, com licença de irem para onde quisessem. Era o ministério de 24 de julho de 1840. Acharam estes criminosos proteção em algumas pessoas notáveis do Maranhão que na corte permaneciam; e as reiteradas reclamações do presidente em favor das tropas legais, que sob o peso do trabalho e da miséria gemiam, foram desatendidas: mas não se descuidava o ministro de recomendar que se não castigassem os rebeldes; descuidou-se sim de mandar os devidos socorros aos que, fiéis aos seus juramentos e sujeitos à disciplina bebiam águas infectas e andavam vestidos de lodo e de poeira em defesa daqueles mesmos que promoveram a desordem. Glória a quem a merece.

Depois da posse do presidente e comandante das armas organizaram-se os primeiros mapas do pessoal e material do exército, e mensalmente se remetiam para a corte. Em 21 de julho escreveu o presidente:⁵⁹ "À vista dos mapas que agora remeto verá V. Ex. que tenho seis mil homens; mas releva notar que destes, dois mil estão constantemente nos hospitais, e dos quatro mil restantes a maior parte compõe-se de rebeldes apresentados; além de haver muito má gente, que só serve para fazer número, e em quem pouco confio: a tropa de 1ª linha é quem contém o resto, e a que mais se expõe, e por isso é também a mais sacrificada nos ataques, e se V. Ex. não mandar para aqui os recrutas feitos nas províncias de Pernambuco para o norte, brevemente estarei reduzido só a servir-me com a gente apresentada. Descontando V. Ex. os doentes e inutilizados, verá que não há tropa suficiente para guarnecer tantos pontos que não podem ser abandonados, e andarem partidas volantes em explorações; e posto que os rebeldes fossem expulsos de todas as vilas, há contudo pelas matas grandes e numerosos magotes, que espiam o menor descuido nosso e procuram sublevar os escravos das fazendas por onde passam, partido que em extremo adotou Raymundo Gomes, por se ver sempre acossado e já falto de recursos, posto que em princípio se não quisesse ligar a escravatura. Por falta de gente e armamento não fiz um desembarque na Miritiba, onde existem mais de três mil rebeldes, entre livres e escravos que ali se vão amontoando". Tudo foi baldado: era então ministro da guerra o Sr. Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque!

(59) Ofício dirigido ao Sr. Salvador José Maciel, e recebido pelo Sr. Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

Capítulo XXVI

Ocupação da comarca de Pastos-Bons: correspondência com Raymundo Gomes: diminuição dos rebeldes. O negro Cosme e seu quilombo. Marcha do presidente para a Vargem-Grande, providências importantes, suas vantagens.

Temos dito que não cessavam as nossas explorações, e prolixidade fora citar mais de trinta tiroteios mensais, de que resultavam mortos e prisioneiros rebeldes, e grandes perdas de suas cavaladuras.

O major José Vicente de Amorim Bezerra, que à frente do seu batalhão de artilharia da Bahia seguira do Itapucuru-mirim para Caxias, como vimos, marchou daquela cidade para a vasta comarca de Pastos-Bons, e ocupou a vila da Passagem-Franca, e dali mandou destroçar os revoltosos bem entrincheirados no Jacarandá.

O tenente-coronel Diogo Lopes, que por diverso caminho também operava naquela comarca, entrou finalmente na vila do mesmo nome, debelando em sua marcha numerosas manadas, entre estas uma de novecentos rebeldes. Muitos prisioneiros fizeram, e abriram comunicações com Caxias e o Piauí. Melhoraram também os negócios daquela província com as vantagens nesta colhidas. Das tropas do dito tenente-coronel Lopes entrou uma partida na vila de Carolina em Goyaz, perseguindo algumas hordas que já naquela província se incorporavam; e deixando-a em sossego, regressou com cento e vinte e três prisioneiros. Os caudilhos Gavião, João da Matta, Mocambira, Tempestade e outros muitos de que temos falado, foram por mais de uma vez batidos e destroçados em todo o mês de junho, perdendo sempre muitos dos seus sequazes.

Com estes contínuos revezes começaram a desanimar os sediciosos, e só tratavam de fugir, vendo o dano certo e a morte em toda a parte; e como os que deles se desligavam e às nossas forças se apresentavam, eram logo armados e empregados contra os seus próprios companheiros, desfalcavam-se sensivelmente suas fileiras, e vigoravam-se as nossas.

Raymundo Gomes, vendo-se tão mal parado e desconfiando dos seus, dirigiu uma representação assinada por alguns caudilhos pedindo perdão, exigindo contudo certas condições inatendíveis. Voltou-lhe o presidente com uma proclamação que lhe servia de resposta, ordenando que sem condição alguma depusessem todas as armas para serem perdoados, e no caso contrário continuaria a perseguí-los até exterminá-los. Mandando esta resposta, fez ao mesmo tempo marchar uma força da 3ª coluna para sustentá-la.

O chefe dos rebeldes, como visse que nenhuma importância se havia dado à sua representação, quis alardear força e replicou que ainda se não julgava em estado de depor as armas, porquanto contava vinte mil soldados, aludindo sem dúvida aos escravos das margens do Itapucuru, que ele tratava de sublevar e atrair a si; pelo que sobre seu grupo deu a nossa partida e o dispersou: postos em fuga encontraram-se no Alegrete aos 9 de agosto com outra partida nossa, e aqui foi Raymundo Gomes completamente batido, e quarenta dos seus satélites, inclusive dois caudilhos, sendo um deles o próprio irmão do chefe, a quem chegou a citada proclamação, se apresentaram humildes à nossa partida vitoriosa.

Raymundo Gomes, vendo-se tão mal parado e desconfiando dos seus, dirigiu-se sem armas, sem bagagem, sem comitiva e quase nu, e foi oferecer-se ao negro Cosme, que o meteu em goliha, e descobrindo-lhe a habilidade de fazer pólvora, o empregou naquele exercício, sempre em guarda. O negro Cosme, o facinoroso fugitivo das cadeias da capital, começava a ser então a importante figura que mais assustava os fazendeiros, por achar-se à frente de três mil escravos por ele sublevados. Assinava-se D. Cosme, tutor e imperador das liberdades bemtevis; — proclamava à escravatura, dava títulos, postos, estabeleceu uma escola de ler e escrever, e aquilombado nas cabeceiras do Rio Preto, comarca do Brejo, na fazenda da Lagoa Amarella⁶⁰, tinha piquetes avançados e mandava partidas roubar e insurreccionar as fazendas circunvizinhas. Estavam as coisas neste ponto, e o presidente, que tudo dispunha para um golpe decisivo, deixou a capital no dia 9 de agosto, e em 12 apresentou-se pela segunda vez no acampamento da Vargem-Grande, trinta léguas ao sueste da capital: então ali comandava a 3ª coluna o major Feliciano Antônio Falcão por se haver retirado da província o tenente-coronel Favilla.

Daquele acampamento despachou o presidente seis partidas exploradoras, algumas delas contra os aquilombados: duzentos rebeldes, sob a direção de um certo Cândido, se apresentaram ao presidente, e outros muitos depois os imitaram. Como desejasse o presidente haver os escravos sem grande mortandade, por ser isto mais conforme com os interesses dos senhores, tratou por meio de emissários introduzir entre eles a cizânia, e não poucos voluntariamente se entregaram; e como não confiasse muito nesta traça mandou o capitão Ricardo Leão Sabino e Dominiciano Ayres à frente de duas partidas que os cercassem a um tempo, e resultou deste ataque sessenta e um prisioneiros, além de cavalos e outros objetos, e dispersou-se todo aquele quilombo.

Por um emissário soube o presidente que Francisco Ferreira Pedrosa, chefe de mil e setecentos facciosos acoutados na Bella-Agua, desejava apresentar-se, por já não poder sustentar-se e temer não ser perdoado, e mandou certificar-lhe que o aceitaria com a condição de fazer primeiro algum serviço em desconto de haver empunhado as armas contra o governo; que fosse bater os negros e depois se apresentasse. Assim ele obrou; os negros em debandada e fugitivos depois do ataque da Lagoa Amarella, correram para a Bella Agua cuidando aí achar apoio, e acharam a morte e a sujeição. Foi sempre política do presidente impedir a junção dos

(60) Esta fazenda pertencia a Ricardo Navia, a quem o Cosme obrigou a dar carta de alforria a duzentos escravos seus, e o conservar como seu criado, e afinal, desconfiando de sua fidelidade, assassinou-o.

rebeldes com os escravos, indispondo-os contra os segundos, o que decerto foi uma felicidade para a província. Raymundo Gomes, que se achava preso na Lagoa Amarella em poder do Cosme, e que por este fora afinal sentenciado à morte, achou ocasião de evadir-se no dia mesmo em que, segundo ele depois narrou, devia das mãos daquele criminoso receber o castigo de seus crimes: quis porém sua fortuna que nesse dia fossem atacados os negros que, como ele, só procuravam em precipitada fuga furtar-se à morte, e dali foi embrenhar-se na Miritiba. Da Vargem Grande fizemos uma jornada à vila da Manga, duas léguas distante⁶¹. Depois foi o presidente ao *Pao-deitado*, estrada do Caraubal, onde colocou um destacamento para segurar o livre trânsito daquela comunicação com Caxias, para onde dias depois seguiria, se não ocorresse o que expenderemos no seguinte capítulo.

Capítulo XXVII

Notícia da declaração da maioridade de Sua Majestade o Imperador, e como foi recebida

Aos 23 de Agosto estava o presidente de volta na Vargem Grande, e por despachos da corte a ele dirigidos recebemos naquele dia a notícia da declaração da maioridade de Sua Majestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, e de todos os acontecimentos que na corte tiveram lugar em 23 de Julho findo: logo ali mesmo mandou o presidente formar em grande parada a 3ª coluna, e à sua frente saudou com vivas e salvas de artilharia e fuzilaria tão gloriosa notícia, e oficiou para todas as colunas, pontos militares e autoridades, para que as mesmas demonstrações festivas se fizessem, e por este acontecimento regressou com todo o seu estado-maior para a capital, onde chegamos a 27 daquele mês, e foi o presidente acolhido com muitas demonstrações de entusiasmo; e pondo o pé em terra, no meio de numeroso concurso que o saudava, soltou primeiro três vivas a Sua Majestade o Imperador, que foram cobertos por outros muitos tanto ao monarca como a ele. Mandou celebrar solene Te-Deum, ordenou grande parada, cortejo e festas, e deu à sua custa um espetáculo no teatro da capital, rico e extraordinariamente preparado, e aí espalhou uma proclamação⁶² que por este acontecimento fizera anunciando também o estado decadente da guerra. Mandou à corte uma comissão militar cumprir a Sua Majestade Imperial por parte da divisão pacificadora de terra e mar, composta do tenente-coronel de engenheiros Antônio Nunes de Aguiar, seu ajudante e quartel-mestre general; tenente-coronel da guarda nacional Isidoro Jansen Pereira; major do estado-maior do exército Feliciano Antônio Falcão, comandante da 3ª coluna; capitão-tenente Jesuino Lamego Costa, e do 1º tenente da armada nacional Manoel Luiz Pereira da Cunha; ficando o prestante coronel Manoel de Sousa Pinto de Magalhães interinamente no lugar do ajudante e quartel-mestre general, e o major José Lucas Soares Raposo da Câmara no interino comando da 3ª coluna.

Capítulo XXVIII

Estado da guerra: inutilidade dos meios de conciliação com os rebeldes: desordem de Vianna, e saída do presidente para aquela vila

Nesta proclamação anuncia o presidente o estado decadente da rebelião. Raymundo Gomes tinha-se ocultado, o Pedrosa obedecia ao presidente; muitos rebeldes à força haviam deposto as armas inimigas, e nas nossas fileiras serviam; os negros andavam debandados, e seu número diminuía todos os dias; tudo anunciava a próxima extinção da guerra civil, e apenas existiam embrenhados três grupos

(61) Vila tão sombria, enferma e deserta, que em vendo-a se nos apertou o coração no peito, e só respiramos quando lhe demos costas; tão triste e escuro ali começa o Munim, que por um lado a cinge recebendo as águas do Iguará e Rio Preto, que profundamente nos melancolizou, e só nos desejamos dali fora e bem longe.

(62) Proclamação — Maranhenses! Uma nova época abriu-se aos destinos da grande família brasileira: Sua Majestade o Imperador empunhou o cetro da governança e assumiu os direitos que pela constituição do Estado lhe competem. Declarado maior, ei-lo então como um símbolo de paz, de união e de justiça, colocado na frente da nação que o reclamava. No interior da província, no meio dos bravos que defendem vossos bens e vidas, encontrou-me tão lisonjeira nova; e se os deixei para correr a vós, como por eles daqui me havia ausentado, é para confirmar o que sabeis, participar do geral regozijo e aumentá-lo, se é possível, com a notícia da quase extinção da guerra civil, restando apenas da terrível tempestade uma nuvem negra, que, apesar de carrancuda, breve será dissipada. Maranhenses! Um sublime pensamento deve agora inflamar o coração brasileiro; aspérrima foi a longa experiência, aproveitai-a. Amor ao Imperador, respeito às leis e esquecimento de vergonhosas intrigas, que só têm servido para enfraquecer-vos; um só partido enfim — o do Imperador —, e no vosso entusiasmo repeti mil vezes: Viva Sua Majestade o Senhor D. Pedro II, Imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil. Viva a nossa santa religião. Viva a constituição do Estado. — Palácio do governo na cidade de S. Luiz do Maranhão, 27 de agosto de 1840. Assinado — Luiz Alves de Lima.

de rebeldes mais tenazes, e esses já baldos de recursos e faltos de víveres e munições; a peste começava a ceifá-los, e o propínquo inverno lhes roubaria o último asilo das matas. Julgou o presidente poder arrancar de seus covis este resto desvaidado e foragido, oferecendo-lhes palavras de ordem com a notícia de haver Sua Majestade o Imperador empunhado o cetro da governança; e para isso, além da citada proclamação, impressa em grande cópia, mandou espalhar entre eles e por toda a província uma pastoral, que a rogo seu fizera o Exm. bispo D. Marcos. Inútil foi a experiência, que muito de acordo andam os sentimentos religiosos dessa bruta gente com o seu amor à ordem e respeito às autoridades: homens são que nem as divinas, nem as humanas coisas veneram, e só por medo se curvam à força. Nem a palavra da igreja, anunciada pela voz do prelado, nem a do presidente, nem o nome do monarca puderam desarmá-los; só a força a isto os obrigaria, e necessário foi ativar a guerra, já mais fácil por termos então oito mil homens com os apresentados de suas próprias fileiras, que se desfalcavam, como dissemos.

Em todas as comarcas da província foi festejada a notícia da maioridade, sem distinção de partidos. Os bemtevis porém, que se curvavam com o peso das acusações do contrário partido, que em rosto lhes lançava a guerra civil e seus horrores, apoderaram-se com mais afoitez deste novo acontecimento para saírem do opróbrio em que viviam, e poder, à sombra do grande nome, melhor triunfar nas próximas eleições, única causa das antigas desavenças e mira dos seus esforços. Um pequeno incidente (se neste caso há pequenas coisas) teve lugar na vila de Vianna, cabeça de comarca do mesmo nome, incidente nascido do entusiasmo que cada partido queria acintosamente mostrar pelo monarca, e do qual funestas conseqüências surgiriam se tão pura não fosse a fonte donde emanava, tão solene a ocasião e tão prudentes as autoridades. Divididos em dois grupos festejavam os viannenses a nova que animava o espírito público, dando vivas aos objetos caros da nação. Em frente do grupo bemtevi achava-se o ex-deputado Estevão Raphael de Carvalho, espírito inquieto e fantástico, que redigira o pequeno jornal de cujo título se serviam os rebeldes: lembrou-se este cidadão, na presença do grupo cabano estante em frente do quartel, de soltar o seguinte brado, que fielmente copiamos de uma representação sua, que apressada e preventivamente dirigiu ao presidente; dizia: "Viva o partido que fez a independência, que triunfou em 7 de Abril de 1831, que tornou a triunfar a 23 de julho deste ano, dispensando a menoridade do Senhor D. Pedro II, partido que nesta província se chama bemtevi:" sua intenção neste longo brado era sem dúvida ligar o partido bemtevi ao da maioridade, com o qual nenhuma relação tinha, dar-lhe nova direção e salvá-lo com este artifício. Aplaudiram os contrários as primeiras idéias do brado, mas ouvindo a palavra de discórdia — bemtevi — romperam em — fora partido de assassinos e de malvados; — cansados de gritar se retiraram, cada qual temendo que no meio do distúrbio e celeuma fosse brandido o ferro assassino, que desta vez porém ou não existia, ou ficou em ócio, ou arrebatado por alguma autoridade desapareceu da mão que o empunhava.

Chegou esta notícia ao presidente no dia 11 de setembro, e nesse mesmo dia rapidamente partimos para aquela vila, onde chegamos três dias depois; foi aí o presidente bem recebido, e com todas as autoridades e principais habitantes que sobre o resto influem conferenciou separadamente, e com todos usando de linguagem franca, reprovou os excessos; e coligindo que ambos os partidos contavam com o apoio da pequena força da guarda nacional que ali existia, tomou por medida salutar substituí-la por igual número de praças de 1ª linha que levava, e

um oficial de confiança, não dado à política, e regressamos trazendo as praças substituídas; e esta visita do presidente seguiu a tranquilidade daquela comarca.

Nenhuma vila do Maranhão leva vantagem sobre outra pela limpeza e decência; não passam de mal arruadas palhoças barreadas, e raramente entre elas se eleva uma pobre capela, quase sempre deserta, ou prédio de alvenaria; servem as praças de redes de animais domésticos, e o mato que as assalta e as escurece se estende às vezes mal cortado em suas ruas de areia e cavadas de barrancos.

A intriga divide as famílias, curtas e mesquinhas idéias políticas exacerbam os ânimos: só se ouve dizer: — é um ladrão, um malvado, um assassino. Eis o que é Vianna, aliás bem colocada sobre uma eminência fértil, mirando-se em um vasto e piscoso lago, que nas suas enchentes do inverno quase a converte em ilha, e em mar toda a vasta campina, risonha no estio e abundantemente coalhada de manadas de gado e de imensas aves de espécies várias, e serpenteada por um rio assaz tortuoso e fundo, que confunde suas águas com as do Miarim, célebre pelas suas *pororocas*. A política e a indolência inutilizam todos estes favores da Providência, e pobres vivem no meio da abundância.

Capítulo XXIX

Grande ataque na comarca de Pastos-Bons, e seus resultados: derrota completa e mortandade dos rebeldes, e de muitos dos seus caudilhos. Morte do bravo tenente Conrado: último e decisivo plano de ataque. Decreto de anistia.

As quadrilhas que divagavam pela vasta comarca de Pastos-Bons reuniram-se, em número de mil e duzentos no sítio denominado — Detraz da Serra —, onde se fortificaram. Como disto tivesse notícia o coronel Diogo Lopes de Araújo Sales, chefe de legião daquela comarca, e o major Bezerra, comandante militar da vila de Pastos-Bons, resolveram, combinaram e dispuseram uma sortida por diversas vias: o coronel à frente de uma partida, e o tenente de artilharia Isidoro José da Rocha do Brasil à testa de outra, deixaram aquela vila, e depois de muitas dificuldades superadas fizeram junção aos 19 de agosto, meia légua arredados do inimigo. Com o costumado denodo investiram os nossos às contrárias trincheiras, e apesar da pertinaz resistência, foram os rebeldes forçados a ceder suas fortes posições, deixando setenta e três mortos, inclusive cinco caudilhos, que se intitulavam oficiais, e vinte e nove prisioneiros com alguns chefes; ficaram também quarenta mulheres, duzentos cavalos, com selas e outras miudezas. Os fugitivos desceram para a comarca de Caxias, e pretendendo passar o Itapucuru no lugar denominado — Sêcco das Mulatas — foram completamente derrotados pela partida do impávido tenente Sampaio. Não foram estas as últimas refregas, outras muitas e menores sustentamos, das quais resultaram em totalidade uns duzentos mortos, e o quádruplo de prisioneiros entre livres e escravos: em um desses combates lamentamos a morte do muito bravo e honrado tenente Conrado José de Lorena Figueiredo, de quem o presidente mandou fazer honrosa menção em sua ordem do dia⁶³: citaremos também o jovem e destemido alferes José Justiniano de Castro Rabello, que desejoso de imitar o tenente nos nobres feitos e gentilezas, foi atraíçoadamente baleado em uma perna pelo feroz Gavião, de que lhe resultou fratura cominutiva e aleijão para toda a sua vida.

Por este tempo também o facinoroso Pedro Alexandrino, que à testa de seiscentos salteadores tão temível era, morreu de uma apoplexia; e foi preso o sanguíário Ruivo.

(63) Ordem do dia nº 61. Quartel da presidência e do comando das armas na cidade do Maranhão, 15 de outubro de 1840. — S. Ex. o Sr. coronel presidente e comandante das armas da província manda publicar, para conhecimento da divisão pacificadora do seu comando, que uma partida da 2ª coluna, sob o mando do tenente Conrado José de Lorena Figueiredo, tendo debandado um grupo rebelde que existia no Bom Jesus, estrada do Munim, avançou para as Mangabeiras, e logo adiante deste lugar encontrou outros grupos rebeldes, que foram levados debaixo do fogo dos nossos soldados até as Cacimbas, onde, não obstante haver engrossado o número daqueles malfeteiros com outra porção deles que ali havia, foram completamente destruídos, com perda considerável de feridos, e um prisioneiro que entre eles era alferes: da nossa parte tivemos dois soldados levemente feridos, e o valoroso tenente Lorena, um sargento e dois soldados mortos. S. Ex. está profundamente magoado pela perda deste tão bravo e benemérito oficial, que tendo-se tanto distinguido nos combates dos Cajueiros, Mutuns, Brejo, Matas de Curimatá e Egypto, Curral Velho, Lagoa do Meio, Remanso, Cristas, Cabeceiras, Cajazeiras, Santa Rosa, Bananeiras, Boqueirão, Curiaca, Baixa-Fria, Breginho e outros muitos aquém e além do Parahyba; e tendo sempre causado considerável prejuízo aos rebeldes em centos de mortos, feridos e prisioneiros, vítimas de sua coragem e bem concebidos planos, como comandante de diferentes partidas; acabou seus gloriosos dias em 25 de setembro próximo passado, aos primeiros tiros de um punhado de bandidos! S. Ex. vai levar à presença de Sua Majestade o Imperador os muitos bons serviços prestados por aquele honrado e bravo oficial, implorando para a sua família os bem merecidos prêmios, a que tinha indisputável direito tão digno militar. — Assinado Manoel de Sousa Pinto de Magalhães, coronel encarregado das repartições de ajudante e quartel-mestre general.

Com poucos negros andava o Cosme, sem achar refúgio em parte alguma, porque além de mil e tantos escravos capturados, outros muitos mortificados pela fome, fadigas e sustos, tomaram por melhor partido voltar a seus senhores.

Assim pois descontando mil e setecentos rebeldes do Pedrosa, os quais posto que não apresentados obedeciam ao presidente, e de comum acordo com os nossos andavam afoitos na captura dos escravos, apenas existiam uns mil e tantos bandidos cercados por todos os lados, já nos últimos arrancos, e acoutados em algumas matas, onde a peste dos sarampos, que por toda a província se estendia, espantosamente os ia ceifando, mais que às nossas tropas, que tinham quartéis, hospitais e médicos em seu serviço; e tal era o miserável estado daqueles infelizes, que em um de seus acampamentos de novecentos homens morreram cento e onze sarampentos em nove dias. Entretanto tão desassissados e estúpidos eram, ou antes tão criminosos, que temiam depor as armas. Dispunha tudo o presidente para dar o último e decisivo golpe, fazendo marchar parte da 1ª coluna e destacamentos de outros pontos sobre a comarca do Brejo, e já se preparava a seguir para Caxias, não só com este intento, como também para dar providências acerca dos gêneros roubados pelos rebeldes e depois retomados, que ali existiam em depósito, e eram reclamados pelos seus donos, quando recebeu da corte o decreto de anistia, de que felizmente foi ele o próprio portador, porque necessário lhe foi, como bem disse em um dos seus officios⁶⁴, preparar os ânimos dos infelizes habitantes de Caxias, tristes e consternadas vítimas ainda cobertas de luto, que só se consolavam com idéias de vingança, e viam seus bens gozados por verdadeiros rapinadores, que se aproveitaram da ocasião, e se salvaram à sombra do crime político; e por certo sentimentos de cristã piedade e de compaixão pelos próprios algozes não podiam animar aqueles corações ulcerados, e tão recentemente ofendidos.

(64) Offício de 3 de dezembro de 1840, dirigido ao Sr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, então ministro do Império.

Capítulo XXX

Viagem do presidente a Caxias: providências ali dadas

Aos 22 de outubro saímos de novo para o interior da província com destino para Caxias. Na vila do Rosario estivemos um dia, e dois na do Itapucuru-mirim, onde o presidente, além de algumas ordens que deu sobre a campanha e para que aproveitasse o imperial indulto, foi com o vigário, e membros da comissão por ele nomeada para cuidar na edificação da nova matriz, escolher e marcar o lugar em frente da melhor praça da vila, e dispôs tudo para lançar a primeira pedra da igreja.

Continuamos em uma gabarra (espécie de lanchão de fundo chato) a nossa viagem pelo Itapucuru acima; bastante incômoda e lenta foi ela, e posto que o rio nesta calorosa estação assaz pobre estivesse de suas águas, e em certos lugares tão vadoso que mais não tinha de palmo e meio, era a sua correnteza de três milhas. Navegamos por meio de varas que miseráveis africanos, quase nus, empurravam compassadamente firmando uma das extremidades no álveo do rio, e a outra contra os peitos, que com este exercício calejam; insano trabalho desde a madrugada até que a noite lhes traz o descanso; e é para ver como fumegam os corpos dessas máquinas humanas, e quando mais aquecidas estão, atiram-se ao rio, e molhadas retomam o trabalho.

Todos os pontos de ambas as margens, desde a última vila até a do Codó, a saber: Cantanhede, Pirapêmas, Croatá, Urubu e finalmente Codó, foram inspe-

cionadas pelo presidente e substituído todo o velho e quebrado armamento por novo que levava; dois dias antes de chegarmos no último destes pontos teve lugar no — Sêcco das Mulatas — o desbaratamento dos rebeldes acoissados e fugitivos de Pastos-Bons.

O dia de Todos os Santos e o de Finados nos demoramos na nominal e enferma vila do Codó, que mal se compõe de duas dúzias de pardieiros esgarrados ao longo da margem, sem igreja ou lugar reservado para os mistérios da religião, de que pouco se cuida; e em uma varanda aberta e ventilada assistimos à celebração da missa: o vento apagava as velas do altar portátil, desfolhava o missal, levantava a pala de cima do cálix, punha tudo em desordem, e obrigava o celebrante e o acólito a contínuos movimentos.

Continuamos a viagem no dia 3, e cavalgamos quatorze léguas seguidas por um terreno pedregoso, pobre e inculto, ao lado esquerdo do rio, semeado de algumas esparsas carnaubeiras e outras árvores pouco alterosas, e atravessado de grandes a grandes espaços de longas e vastas fileiras de elegantes buritis, entremeados de outras palmeiras, em cujas raízes encontra sempre o viajante amiga sombra e água agradável e fresca. Chegamos na manhã seguinte à freguesia da Trezidella, em frente de Caxias, de que é arrabalde, e atravessando o rio, fomos naquela cidade recebidos com todas as demonstrações de alegria não só pela 1ª coluna ali acampada, como pelos habitantes ainda cobertos de luto e que apesar disto festejaram com três noites de luminárias a primeira vista de um presidente àquela cidade do deserto, que um ano antes estivera salpicada de sangue e de cadáveres insepultos, e suas casas servindo de abrigo aos salteadores. Horrerosos fatos ali colhemos de inaudita crueldade. Dali mandou o presidente cercar o acampamento rebelde em S. Francisco, onde se achavam os três caudilhos Pio, Tempestade e Couco, à frente de 900 homens, e intimar-lhes que depusessem as armas se queriam ser perdoados, e se não, que a um só deles não daria quartel; e como vissem que tão perto se achava quem tão rápido se apresentava em toda a parte, tão pesado lhes fora, e tão fácil executava o que dizia, cederam a esta intimação, pedindo vinte dias para reunir toda a sua gente espalhada escondida, o que lhes não pôde negar o presidente, por conceder o decreto de anistia o prazo de sessenta dias. Remeteu-lhes então muitos exemplares do decreto, com o preceito que não disparassem um só tiro durante as tréguas, e ordenou ao major Ernesto e mais comandantes de partidas sitiadas que os não perdessem de vista, para que não iludissem eles a expectativa, pois que os vinte dias pedidos mais parecia ardilosa manha que necessidade.

E como em sua política previdente e cautelosa procurava frustrar todas as tentativas, impedir futuras insurreições, e obstar a aliança dessa gente bruta com os escravos aquilombados, consentiu temporariamente o uso das armas aos rebeldes rendidos que com as nossas partidas quisessem ir perseguir e capturar os negros do Cosme, que por esse tempo andava proclamando por aqueles lados. Destarte chamou em serviço nosso boa parte daquela gente, e colheu, como sempre, felizes resultados. Mandou depois para todos os lugares grande cópia do decreto de anistia, e ordenou a todas as autoridades civis e militares que dessem guias aos apresentados, depois de tomar-lhes as armas, conformando-se em tudo com as disposições do mesmo decreto. Muitos juizes de paz, antigos cúmplices com os revoltosos, e autoridades civis pouco zelosas começaram a esmo a conceder guias sem tomar o armamento aos rebeldes; e por isto de preferência os procuraram, e ora de suas guias se serviam, quando impunemente queriam transitar entre os nossos, ora de suas armas, quando queriam roubar; e por este jeito era ilusória a

apresentação e de funestas conseqüências o imperial indulto: pelo que o presidente sabendo disto dois meses depois, viu-se obrigado a ordenar que nos lugares onde houvesse comandante de coluna se abstivessem de dar guias as autoridades civis, e mandou que estas lhe remetessem a relação nominal e explicativa dos já por elas anistiados; e só assim pôde fazer valiosa a apresentação.

Tendo feito com sua presença e ordens relevantes serviços à comarca de Caxias, restabelecendo as câmaras municipais, as autoridades civis fugitivas, e obrigando a aparecer muitos objetos roubados às igrejas e aos particulares, regressamos para a capital, onde chegamos a 25 de novembro; ocorrendo durante esta viagem importantes e extraordinários acontecimentos, que passamos a narrar.

Capítulo XXXI

Perfidia de Raymundo Gomes: seu plano de surpreender o presidente no regresso de Caxias: tentativa contra a vila do Rosario

Sabia Raymundo Gomes que em Caxias se achava o presidente, e que aberto estava o prazo de sessenta dias para se apresentarem os que quisessem gozar dos favores da anistia, cuja maior pena para os cabeças da rebelião era evacuar a província temporariamente; e assentou em sua mente de abegão que, fingindo querer apresentar-se, poderia aproximar-se impunemente, tomar uma das vilas à margem do Itapucuru, cortar a marcha regressiva do presidente, prendê-lo mesmo, e reanimar destarte o agonizante espírito da rebelião; e quando fossem burlados os seus temerários projetos, contava com a certeza da anistia, à sombra da qual tentava o que até ali não ousara.

Depois que com vida pôde milagrosamente escapar ao iminente suplício que lhe destinava o negro Cosme, tinha-se ele ligado ao Pedrosa, quando este chefe rebelde ainda não obedecia ao governo; e verificando-se isto depois, deixou aquela campanha, aliando à sua arrojada empresa uns trezentos aventureiros, inclusive o velho Matroá e outros caudilhos quase todos caboclos da aldeia de S. Miguel, que demora à margem do Itapucuru, entre o Rosario e o Itapucuru-mirim, e com este séquito veio surpreender às duas horas depois da meia-noite de 10 de novembro o destacamento da aldeia, também de caboclos: aí roubaram uma canoa que pelo rio passava, e fizeram três mortes.

Vaidoso com este fácil sucesso, mandou um emissário e um mal traçado ofício ao comandante da vila do Rosario, declarando que numerosas tropas o acompanhavam e que ele pacificamente desejava entrar na vila, e prometia não matar nem roubar; e após marcharam todos e vieram cercar a vila, sem contudo ousar atacá-la, que tal não era o seu intento; levantaram uma bandeira branca, e por novos emissários pediram entrada sem depor as armas. Não consentiu que assim entrasse o major Augusto César da Rocha, comandante daquela vila, que já havia recebido um aviso do Pedrosa anunciando-lhe o intento do pérfido, e isto mesmo havia o major comunicado para a capital ao coronel. Magalhães, por se achar o presidente em Caxias, e só com demora de quinze dias pudera ser disto sabedor. Entretanto respondeu ao traidor que se receava depor as armas, aguardassem no *Pai Simão* a chegada do presidente, e ele se encarregava de enviar-lhes o necessário alimento; e no caso contrário, que resistiria com fogo se tentassem entrar armados. Em inúteis correspondências passou todo aquele dia (11 de novembro), e à meia-noite chegou o vapor *Fluminense com* o socorro de tropas da capital: saltou em terra o capitão-de-fragata Joaquim Marques Lisboa com a tropa que o acompa-

nhava, e no seguinte dia intimou aos rebeldes que enfim se decidissem, ou a depor as armas, ou a romper o fogo, que não ousavam os nossos ser os primeiros, para que se não dissesse que hostilmente haviam acolhido a quem fiado no imperial decreto pacificamente se apresentava. Reclamou Raymundo Gomes algumas horas para deliberar; concedeu-se-lhe toda a manhã até ao meio-dia, mas nada! Começaram os da vila a suspeitar; e o comandante das forças navais, de acordo com o major Rocha, mandou o capitão Benedicto Antônio Pernambuco com cem praças cortar-lhes a retaguarda, para no caso de perfídia impedir-lhes a fuga.

Com efeito, só pretendia o traidor iludir a boa fé do comandante da vila; entrar armado, e em horas propícias ao crime praticar os seus assassinatos; e como nada alcançasse, foi-se retirando pouco a pouco, começando pelos que mais atrás ficaram, de modo que não fossem vistos pelas nossas sentinelas avançadas. Deviam esbarrar os malvados ante o partido do capitão Benedicto, se este se não tivesse embriagado a ponto de cair, demorando a sua marcha, e por este modo destruiu a operação. Em caminho teve o presidente vagas notícias destes sucessos, e apressando a marcha chegamos ao Rosario no dia 19, e logo dali expediu diversas partidas exploradoras sobre os fugitivos, e conseguiu a captura de muitos, e apresentação de outros que isto tomaram por melhor partido: entre estes veio o ajudante do José Thomaz, em quem muito confiava Raymundo Gomes, e este foi para a Miritiba, onde infrutuosamente tentou igual perfídia.

Capítulo XXXII

Falta de víveres e de dinheiro: posição de Raymundo Gomes: intrigas eleitorais

Correu o mês de dezembro sem novidade da campanha digna de ser aqui apontada. Eram as maiores a absoluta falta de dinheiro para a compra de mantimentos para a tropa, a escassez de todos os gêneros e o seu alto preço, a peste que ia ceifando toda a província, e a intriga por causa das próximas eleições. Em 5 de janeiro oficiou o presidente para a corte expondo as críticas circunstâncias em que se achava, e queixando-se da falta de socorro do ministério, que o colocava nos maiores apertos, quando já dele reclamava alguma tropa disponível para a campanha do sul. Não estava a dificuldade em enviar essa tropa; mas como vesti-la? Como pagar-lhe seus atrasados soldos? Como dar-lhe de comer, e afretar embarcações, se não havia dinheiro? Fácil é dizer *faça*, mas o fazer não é palavra que se solte ao vento; e se no ordenar sem proporcionar os meios está a ciência de bem governar, então fácil coisa é o governar. Vamos a Raymundo Gomes: tinha-se ele refugiado na Miritiba, em companhia do velho Matroá e mais cem homens, e ali cercados e esfaimados foram obrigados a depor as armas, exceto Raymundo Gomes, que com mais alguns se encovaram, não podendo dar um passo sem cair em poder das nossas partidas, ou nas mãos de alguns dos seus, que na esperança do prêmio já o procuravam; assim acorrilhado vendo certa a morte, mandou por um emissário pedir ao presidente perdão para se apresentar: ao que respondeu-lhe que sem susto se apresentasse, marcando-lhe para isso um prazo.

Estávamos no mês de janeiro, e o dia 9 havia sido marcado para as eleições primárias. Os dois partidos fervorosos empregaram todos os meios praticáveis com a miseranda e ridícula lei das eleições; nenhum deles se julgava tão forte, que justa e legalmente pudesse vencer; nenhum contava com o apoio do presidente, que conquanto fosse candidato de ambos, no que só concordavam, solenemente lhes havia declarado que renunciava à espontânea votação que lhe ofereciam, se esta

condição era de parcial interferência, contrária aos seus princípios e à independência do seu caráter; que ele todos os meios injustos reprovava, e os impediria no que pudesse. Qual dos dois partidos mais se avantajasse nas irregularidades e intrigas, difícil coisa é dizer, e longo fora o narrar todos os objetos e meios de que lançaram mão. Alguns do partido bemtevi, crismado em imperialista ou maiorista, mandaram convidar o Pedrosa para que com toda sua gente viesse votar na vila do Icatu, e não depusessem as armas sem esta condição, e o mesmo Pedrosa andava na chapa dos eleitores por aquela freguesia. Informado o presidente desta indigna trama, e não julgando prudente deixar a capital nos dias da mal entendida soberania do povo, para ali despachou o comandante das forças navais, com um considerável troço para impedir a entrada de tão numeroso grupo armado, que no meio da popular vertigem poderia ali causar grandes desordens, e, outrossim, porque esta gente, dado que obedecesse, não havia, contudo largado as armas, nem ali havia passado a septuagésima, antes naquele tempo nos guerreava. Chegou Pedrosa às trincheiras da vila com um séquito de mil homens, e o comandante das forças navais lhe intimou que fora e arredado dela fizesse alto, e logo dessem de mão as armas se pretendiam entrar; fez ele alto, mas declarou que não se desarmariam sem que primeiro se entendessem com o presidente, a quem só obedeciam.

Capítulo XXXIII

Saída do presidente para Icatu e Miritiba: apresentação do Pedrosa e de Raymundo Gomes. Prisão do Cosme. Fim da guerra.

Concluídas as eleições primárias, que se fizeram sem morte, saiu o presidente aos 11 de janeiro para o Icatu, bem decidido a obrigar aquela gente a depor as armas, pacífica ou hostilmente; e ali desembarcando, mandou chamar o Pedrosa, e dele soube não só do plano de ingerência no colégio eleitoral daquela vila, senão também da repugnância de grande parte de seus sequazes em depor as armas a que estavam afeitos: e que muito temia qualquer rompimento se isto se tentasse, e que isso para ele era a morte, se tal lhes fosse cometer. Ao que o presidente resolutivo replicou que fosse, e fizesse logo entrar toda aquela gente armada como estava, que mais réplicas não admitia; e dispondo logo todas as suas forças em ordem de batalha, para o que desse e viesse, foi esperá-la nas trincheiras.

Entraram eles em pelotões com armas carregadas e escorvadas de novo, mais varados de temor que cheios de confiança, e em entrando, à voz imperativa do nobre presidente iam eles humildemente depondo as armas a seus pés; e assim se recolheram novecentas armas. Tão esfarrapadas e famélicas vinham aquelas miseráveis criaturas, que causavam piedade aos vencedores, e por muitos dias só cuidaram de comer e repousar.

Dali seguiu o presidente para a Miritiba, onde se embrenhara Raymundo Gomes, e por uma escolta o mandou buscar a sua presença. Insignificante era a sua figura; quase negro, a que chamamos fula, baixo, grosso, pernas arqueadas, testa larga e achatada, olhar tímido e vacilante, pouco atilado de entendimento, voz baixa e humilde, nenhuma audácia de conspirador; e posto fosse o chefe dos sediciosos, mais obedecia que mandava, e nunca marchou à frente dos seus em momento de peleja, e na retaguarda se conservava, prestes sempre a fugir e a evitar o perigo; nem foi de todos o mais ladrão e cruel, antes comparado a outros parecia humano. Primeiro que ele se apresentou o velho Matroá, todo curvado com o peso de cento e vinte anos de idade e crimes, arrastando uma longa espada, entretanto audaz,

e fazendo alarde de ter entrado em todas as grandes e pequenas revoltas do Norte durante a sua vida: faleceu este velho depois de um mês de sua apresentação. Deputaram as armas na Miritiba mais de setecentos rebeldes, todos eles nus e sem munições de guerra, exceto as armas. Chegou a três mil o número dos apresentados em todos os nossos pontos, e findo o prazo dado ainda se capturou na comarca do Brejo uma cáfila de trezentos bandidos, que se conservaram em atitude hostil.

Para complemento da pacificação da província foi preso no lugar denominado Calabouço, distrito de Miirim, o infame negro Cosme, e os demais que o acompanhavam, ficando ali mortos uns cinqüenta pela tenaz resistência que fizeram. Cosme foi entregue à justiça, e Raymundo Gomes, depois de anistiado, assinou termo de evacuar a província por oito anos, sendo-lhe designada a de S. Paulo para sua residência.

Em ordem do dia n° 68, de 19 de Janeiro, mandou o presidente anunciar a pacificação da província, e para cortar as despesas e aliviar a lavoura dos gravames que havia sofrido, reduziu os corpos provisórios à metade da sua força, dando preferência no licenciamento aos administradores, feitores, vaqueiros, mestres de barcos, aos casados e filhos de viúvas. Não podemos deixar de aqui transcrever como importante documento do estado da província, o ofício que dirigiu o presidente ao ministro do Império, anunciando o fim da guerra civil. "Illm. e Exm. Sr. tenho a honra de comunicar a V. Ex. para que chegue à presença de S.M. o Imperador, que à custa de grandes e penosos sacrifícios chegou a seu termo a guerra civil, que deixa devastada toda esta província. Se por um lado justos são os motivos para a nossa alegria, por outro lado eles se atenuam à vista do miserando aspecto da assolada província novamente ceifada pela peste, ameaçada pela fome, e coberta de famílias outrora ricas, hoje reduzidas à miséria. Em dois anos de crua guerra intestina, em que se não cuidou de lavoura, em que passante de oito mil homens armados contra o restante da província só cuidavam de rapinar, destruir e matar, os fazendeiros e criadores de gados abandonaram seus casais, e trataram de salvar as vidas; os escravos sem feitores se aquilombaram, e guiados pelo infame Cosme e outros cabeças seguiram as pisadas dos rebeldes; os gêneros encarceraram, e enfim se apresenta a fome, consequência inevitável de tantas desordens. A capital há muito está fornecendo o interior de gêneros, que parcamente e por alto preço recebe de fora. Extraordinário número de viúvas e de crianças mendicantes reclamam socorro do Estado: muitos rebeldes apresentados, e que já viviam de miserável caça e de frutas silvestres, estão hoje nos nossos acampamentos arraçoados, e recusam os — passes — porque não têm onde se abriguem, nem meios de subsistência. Tenho licenciado grande parte das minhas tropas, preferindo os casados da província, não só para que eles possam ir curar de suas lavouras, como porque me faltam meios para sustentá-los. As nossas tropas há dois anos que não recebem fardamento, e há seis meses que estão por pagar. Todos os sacrifícios se fizeram, e eu sustentei a disciplina, criei corpos, ajudado com a força da vontade e com o exemplo da atividade e de abnegação de todas as comodidades; mas chegou o inverno, e copiosas águas começam a inundar toda a extensão da província, nada se colhe neste tempo; a fome e a peste estão conosco: só na capital mais de mil crianças têm sido vítimas do sarampo nestes últimos três meses; e em um acampamento faleceram em nove dias cento e onze apresentados. Tenho requisitado mantimento à província de Pernambuco, mas não me chega em quantidade. A V. Ex. me dirijo e encarecidamente rogo pronto socorro de víveres, porque temo que

a desesperação se una aos flagelos existentes. Deus guarde a V. Ex. Maranhão, 5 de janeiro de 1841 — Illm. e Exm. Sr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva — *Luiz Alves de Lima!*".

Capítulo XXXIV

Intrigas eleitorais. Com o fim da guerra aumentaram-se as intrigas dos partidos.

Tiveram os maioristas ou bemtevis seis colégios e só três os cabanos, e por este único fato, atenta a imoralidade geral e indignidade dos vigários⁶⁵ pertencia aos primeiros a vitória, porque livre era aumentar o número dos eleitores, e com duas ou três atas diferentes tratava cada colégio de fazer jogo. Os cabanos, de posse dos melhores empregos da província, tendo assento na assembléa provincial, na câmara municipal da capital e na mesa da Santa Casa da Misericórdia, cujos bens muitos deles impudentes desfrutavam, não podiam resignar-se a perder, e não podendo também vencer, trataram com visíveis irregularidades dar motivo a que se anulassem as eleições, na esperança que em outro presidente achariam talvez decidido apoio, indispensável para o triunfo de sua causa; e começaram logo por elevar o seu colégio de Itapucuru-mirim a 1.499 eleitores, colégio este que quando muito só cinquenta poderia dar.

Já não estimavam os contrários estas irregularidades, porque segura tinham a sua causa, e não queriam arriscá-la; para contrabalançar porém aquele numeroso colégio, elevaram o seu de Vianna a 1.500 eleitores na hipótese que se houvesse anulação, recairia ela tão-somente sobre estes colégios visivelmente falsos, ficando os demais valiosos, e quando mesmo opusessem e arriscassem três dos seus colégios contra três dos cabanos, ainda lhe sobejavam outros três para vencer, não alterados.

Pela mesma vila de Vianna, cuja maioria da povoação é dedicada ao partido bemtevi, fabricaram os cabanos na capital uma ata falsa assinada pelo vigário e juiz de paz do mesmo partido, que daquela vila fugiram na véspera das eleições para não assistirem ao triunfo do partido maiorista, e com tanta impudência que esse mesmo vigário e juiz de paz haviam em audiência declarado ao governo a sua fuga e receios (diziam eles) de serem assassinados, e igual parte havia dado o prefeito daquela vila.

Via o presidente com mágoa estes pérfidos manejos e ignominiosos procederes, e manifestou em particular a sua justa indignação aos autores de tais cabalas; e como eles temiam a influência do presidente na corte, e que não demitisse os seus agentes empregados, recuaram e apresentaram as outras atas verdadeiras, posto que primitivamente elevadas no número de eleitores que proporcionalmente cada colégio devia dar. Foi isto um novo e grande serviço feito à paz do Maranhão.

Feita a apuração geral, saíram eleitos deputados: o presidente com unanimidade de votos, o Dr. Joaquim Franco de Sá, o coronel Manoel Telles da Silva Lobo, e o Dr. Manoel Jansen Ferreira: e primeiro suplente Manoel Odorico Mendes. Notaremos por último que nos seis colégios bemtevis houve unanimidade na escolha e votação de seus candidatos, e muita divergência nos três colégios do partido cabano; prova este fato, se não melhor escolha, ao menos combinação e mais razão para que vencessem aqueles.

(65) Excetuo deste número o vigário da freguesia da Sé da capital, o rev. padre Francisco José Pereira, único que por princípios de probidade não consentiu no aumento dos votantes.

Capítulo XXXV*Observações gerais sobre o governo do Sr. Luiz Alves de Lima. Conclusão.*

Havemos concluído a história da rebelião de dois anos da província do Maranhão, nascida como vimos, das pretensões de dois partidos rancorosos; partejada pela parcial e decisiva proteção de um presidente; sustentada pela ignorância das massas brutas postas em movimento; animada pelo espírito de rapina, prolongada pela negligência, imperícia e fraqueza dos que a ela se opuseram em princípio; sufocada enfim no seu maior ponto de desenvolvimento pelos corajosos esforços e sacrifícios do Exm. Sr. Luiz Alves de Lima; justificada pelo triunfo nas eleições do partido que lhe deu o nome, e por fim anistiada pelo governo imperial, ficando para o presente uma lição infrutífera, escrita com caráter de sangue, e para o futuro um documento dos nossos desregramentos e imoralidade.

Para completar este quadro histórico faremos algumas observações sobre a administração civil do Exm. Sr. Luiz Alves de Lima, além do que temos semeado em toda esta escritura de seus trabalhos e perícia militar. São sempre mais ou menos copiados os homens que a Providência coloca à testa dos povos, e nas pequenas cidades e vilas mais profícuos são os bons exemplos que a doutrina. Em nenhuma porém destas virtudes foi escasso o nosso presidente; a severidade de seus costumes e a dignidade de seu proceder lhe acataram bem cedo o geral respeito e estima, e obstaram o descomedimento dos públicos funcionários. Seus puros sentimentos e sua presença em todos os atos religiosos inspiraram mais veneração ao culto público; e neste artigo muito se distinguiu, e como a irreligião de mãos dadas com a ignorância dos povos são duas as calamidades que consigo arrastam o desregramento da vida, o curou de plantar o santo temor de Deus para abonar os costumes.

Dispensamo-nos de expor todas as suas providências sobre estes e outros artigos de sua administração, porque no fim desta memória transcreveremos como epílogo e importante relatório de seus feitos ao seu sucessor no ato da entrega da presidência, e vamos mencionar somente o que ali não transluz. No dia 2 de abril, em que reza a igreja pelas seis dores da Mãe do Redentor, fomos à vila do Itapucuru-mirim, e ali lançou ele a primeira pedra da igreja matriz com a invocação a Nossa Senhora das Dores, e fez-se a solenidade segundo o ritual romano: é a pedra de palmo e meio, bem quadrada, e tem na face superior a data do ano e as iniciais do presidente L.A.L., e para as obras dessa igreja fez ele de seu bolso um avultado donativo, além do que se colheu pela subscrição entre os paroquianos, e do que ele mandou dar pelo cofre da província, e se distribuíram por outras muitas igrejas arruinadas consignações para seus reparos e paramentos.

Foi sua política franca, liberal, conciliadora e previdente e a ela se deve a pronta extinção da rebelião, que bastantes elementos tinha para mais longa existência.

Por sua severa economia poupou à fazenda grandes e copiosas somas; nunca foi contradita a sua justiça, nem levemente alterada a sua premeditada imparcialidade; e tendo concluído a sua nobre missão de pacificador, pediu a Sua Majestade o Imperador e aos ministros do Império e da guerra a sua demissão, que só lhe foi concedida depois de reiteradas instâncias, e já pelo novo ministério organizado em 23 de março de 1841, composto do Exm. Sr. senador Cândido José de Araújo Vianna (no império), deputado José Clemente Pereira⁶⁶ (na guerra), senador Miguel Calmon du Pin e Almeida (na fazenda)⁶⁷, senador marquês de Parana-

(66) Hoje senador do Império.

(67) Hoje visconde de Abrantes.

guá (na marinha), deputado Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho⁶⁸ (nos estrangeiros).

(68) Hoje senador do Império.

Foi nomeado presidente para o Maranhão o Dr. João Antonio de Miranda, que já o tinha sido no Ceará e Pará, e a este fez o Exm. Sr. Lima entrega do governo civil da província no dia 13 de maio de 1841, passando ao mesmo tempo o comando das armas interino ao coronel Manoel de Sousa Pinto de Magalhães, até que chegasse o coronel Francisco José Martins, nomeado pelo governo geral para o suceder.

Capítulo XXXVI

Exposição feita ao Dr. João Antônio de Miranda pelo coronel Luiz Alves de Lima na ocasião de entregar-lhe a presidência da província

Illm. e Exm. Sr. — Neste momento devolvo a V. Ex. a presidência desta província inteiramente restituída à paz, depois de dois anos de calamitosa guerra civil; neste momento para mim de repouso, grande responsabilidade começa a pesar sobre V. Ex.

Diminuta é a minha glória de ter concorrido para a pacificação desta parte do Império, à vista da que caberá a V. Ex. em sustentar a paz, curar dos seus interesses, e promover os germens de sua prosperidade.

Permita-me que neste momento passe em revista alguns fatos do meu governo, não por vaidade de querer-me apresentar como norma a V. Ex. cujas luzes respeito e já brilharam na presidência de duas províncias, e cujas eminentes qualidades assaz foram apreciadas por Sua Majestade o Imperador; sim porque é já uso, e quase um dever, expor ao novo presidente o que se retira o estado em que deixa a província, e indicar ao mesmo tempo as suas mais urgentes necessidades. Esta pública exposição de quem já nenhuma influência exerce, sujeita à crítica dos entendidos, podendo ser contestada, aplaudida ou reprovada, tem a grande vantagem de servir como de termômetro da opinião pública ao novo presidente.

Graças à Divina Providência, que se apraz às vezes de dar-nos grandes e terríveis lições, dias serenos volveram ao horizonte desta província, ainda debilitada pelos sores de sangue de seus dias de luto e de angústia.

Não existe hoje um só grupo de rebeldes armados, todos os chefes foram mortos, presos ou enviados para fora da província; restabeleceu-se a ordem, fui sempre respeitado e obedecido, não tive oposição de partido algum, todos os empregados e chefes de repartições desvelaram-se em cumprir os seus deveres durante o tempo do meu governo; mas não me ufano de haver mudado os corações e sufocado antigos ódios de partidos, ou antes de famílias, que por algum tempo se acalmam, e como a peste se desenvolvem por motivos que não prevemos ou não nos é dado dissipar.

Sou militar, e como tal sempre obedeci e obedecerei às autoridades legalmente constituídas, e não podendo nem devendo eximir-me do comando das armas desta província em tempo de guerra, em que o governo imperial julgou conveniente chamar-me, aceitei igualmente a presidência, que me foi dada na persuasão de que assim mais útil seria.

Tomando posse no dia 7 de fevereiro de 1840 estabeleci logo como regra do meu procedimento manter rigorosa disciplina nas tropas do meu comando, fiscalizar e economizar as despesas da guerra, cumprir e fazer cumprir sem discrepância todas as leis do Estado, e não me envolver de modo algum em questões de partidos, distinguindo os homens pelos seus merecimentos e qualidades, sem

me importar com as suas opiniões; servindo de paradeiro às exigências dos partidos, quebrei-lhes a força, e ambos me coadjuvaram.

Examinei escrupulosamente os atos do meu antecessor, procurei descobrir suas intenções, e não o desacreditei para realçar-me, antes no que pude sustentei o que ele havia feito, porque entendo que o espírito do governo deve ser um, posto que variem os homens. "Tudo isto fiz tão rigorosamente como digo, e ainda hoje não me arrependo de assim haver praticado; mereci confiança e pública estima, sem que necessário me fosse recorrer a outros meios; eis a maior recompensa de minhas fadigas.

Meu ilustre antecessor, entregando-me a presidência desta província, assegurou-me que seis mil rebeldes naquela época a devastavam, número sempre crescente, e nunca maior antes daquela data; porque se alguns se entregavam ou eram capturados, outros em maior cópia se levantavam e os substituíam; e isto mesmo se deduz de sua correspondência oficial, que na secretaria deste governo se acha. Mostrou-me depois a minha própria experiência que bem longe estava de ser exagerado este cômputo, como ao princípio julguei, a ponto de acreditar que só existiam três a quatro mil. Se calcularmos em mil os seus mortos pela guerra, fome e peste, sendo o número dos capturados e apresentados durante o meu governo passante de quatro mil, e para mais de três mil os que reduzidos à fome e cercados foram obrigados a depor as armas depois da publicação do decreto de anistia, temos pelo menos oito mil rebeldes: se a estes adicionarmos três mil negros aquilombados sob a direção do infame Cosme, os quais só de rapina viviam, assolando e despovoando as fazendas, temos onze mil bandidos, que com as nossas tropas lutaram, e dos quais houvesmos completa vitória. Este cálculo é para menos e não para mais: toda esta província o sabe.

Não citarei as circunstâncias da guerra, que delas fazem menção as minhas ordens do dia que impressas correm, e os meus ofícios que achará V. Ex. na secretaria; direi o que me cumpre dizer para explicação e defesa do meu procedimento. Encontrei os cofres esgotados, uma dívida avultada, e invencível repugnância dos fornecedores em dar os seus gêneros a crédito, pela demora dos pagamentos e ainda mais pela lei dos exercícios. Computavam-se as nossas forças, por não haver mapa algum, em quatro mil homens mal armados, pessimamente vestidos, alguns quase nus, faltos de seis e nove meses de soldos; a fome ameaçava as nossas tropas e a capital, interceptadas as comunicações com o interior; as comarcas do Brejo, Caxias, Pastos-Bons, e parte da do Itapucuru cobertas de grossas manadas de rebeldes e negros aquilombados; a todos estes males procurei dar pronto remédio.

Elevei a divisão pacificadora a oito mil homens com os apresentados e recrutados, estabeleci hospitais em todos os acampamentos e melhorei o central na capital, nos quais constantemente se trataram dois mil enfermos. Contratei médicos, cirurgiões e capelães; criei um depósito de tropas na capital; aboli as apparatus brigadas e o comissariado geral de víveres, nomeei para o substituir comissões compradoras; e graças à boa economia não avultaram as despesas com este acréscimo de forças: finalmente restabeleceu-se a ordem nesta província e na do Piauí, que assaz foi socorrida com tropas, munições, dinheiro etc., que daqui enviei repetidas vezes, sendo bem mesquinhos os meios de que podia dispor, e a propósito devo aqui declarar que muito me valeu o Exm. Sr. Francisco do Rego Barros, presidente de Pernambuco, que desvelado atendeu às minhas requisições.

Finda a guerra, reduzi as forças da província, e já para o Sul mandei mil e quinhentas praças; mas julgo, e não sei se V. Ex. julgará comigo, que por algum

tempo se devem conservar, como medida de prevenção, todos os destacamentos que atualmente existem, até que os anistiados se restabeleçam de todo nos seus antigos hábitos de paz e de trabalho; o que em dias se não pode conseguir, porque os ociosos de que a província abunda faltos de meios naturalmente os procuram na rapina, e já depois da guerra apresentou-se nos confins da comarca de Pastos-Bons, perto do Piahy, uma quadrilha de desertores dirigida por um certo Félix Páscoa, com intento de roubar e de executar alguma vingança; mas é bem provável que já hoje tenha caído em poder de nossas partidas, que o perseguem além do Parnahyba, província do Piahy, para onde se refugiou.

Creio também que para segurança e polícia da comarca de Caxias e Pastos-Bons se deve aquartelar na cidade de Caxias um batalhão de linha, que dê os destacamentos para os outros lugares do interior, e com este intento mandei fazer os necessários cômodos, e já ali se acha o batalhão de artilharia da Bahia, que eu pretendia interinamente conservar naquela cidade.

A comarca do Brejo é a que mais contém em suas matas grande cópia de ociosos, e com menos de quinhentas praças não se fará a sua polícia: e destas devem existir cem na vila do Brejo e outras tantas no Satuba, Mocambo, Chapadinha e Barro-Vermelho, para que destes pontos saiam partidas volantes, que assegurem as comunicações, e tirem aos ociosos toda a probabilidade de poder andar em quadrilhas de salteadores.

Para evitar a invasão dos selvagens coloquei na vila de Vianna uma companhia de caçadores de montanha que dá um destacamento de vinte homens para o rio Capim, onde as fazendas sem este apoio sofreriam os ataques das hordas indígenas.

Procurei elevar o corpo de polícia ao seu estado completo, por assim julgar necessário e ser para isso autorizado pela lei provincial nº 90, e creio que só assim será ele suficiente para policinar a capital e dar destacamentos à cidade de Alcântara e às vilas de Guimarães e Icatu.

Coloquei na vila do Codó a 1ª companhia de caçadores de montanha para explorar as matas daquele distrito, onde em todos os tempos se aquilombam os escravos fugidos.

Ocupado com a guerra, inspecionando todas as colunas, sempre em movimento, não me esqueci contudo de outros muitos interesses da província. Algumas leis decretadas pela assembléia provincial desde o nº 86 até 99 contêm medidas de alta importância por mim reclamadas.

Todas estas leis foram logo postas em execução. Citei por exemplo, a limpeza do rio Uru, o grande conserto da catedral e de muitas outras igrejas, o reparo de algumas fontes públicas da capital, parte da calçada da rua Grande; e tendo eu visto e lastimado o miserável estado de quase todas as matrizes da província, e não podendo com a módica quantia decretada pela assembléia provincial fazer todos os consertos de que elas necessitavam, nomeei comissões de pessoas abastadas dos lugares para promover subscrições entre seus comparoquianos, e cuidarem no conserto das velhas igrejas e edificação de novas. Além do que expus à assembléia legislativa provincial no artigo — Culto público — do relatório que apresentei na próxima passada sessão, ofereço à consideração de V. Ex. um longo e luminoso officio do Exm. Bispo diocesano com data de 10 de março.

Expedi o major de engenheiros Fernando Luiz Ferreira, com um missionário, instruções e todo o necessário para estabelecer uma colônia de índios no Pindaré, para o que me havia convencionado com o chefe Guajajara Maracapé, que

a esta capital mandei chamar, e me prometeu a coadjuvação de quatrocentos arcos que o obedeciam. Espero que esta colônia, de grande vantagem para os indígenas e segurança das fazendas daqueles arredores, mereça a proteção de V. Ex. e a aprovação da assembléia provincial.

Querendo o cidadão Francisco Ferreira de Carvalho estabelecer uma fazenda de lavoura no alto Miárim, na passagem denominada Inson, e fundar naquele lugar uma povoação livre, a fim de domesticar os índios ou impedir suas correrias, e facilitar destarte o trânsito e navegação daquele rio até hoje pouco comunicado, pediu a este governo a isenção por dez anos de dízimos e tributos provinciais sobre gêneros de cultura daquela nova colônia, e a dispensa do recrutamento e de qualquer serviço militar em tempo ordinário: concedi esta última graça por estar em minhas atribuições e querer animar toda a empresa desta natureza; mas dependendo as primeiras de aprovação da assembléia geral e provincial, a V. Ex. está reservado reclamá-las se assim o julgar conveniente.

Desejoso de promover a navegação dos principais rios da província por meio de barcos de vapor, pedi à assembléia provincial a reforma da lei sobre este importante negócio a qual pela mesquinhez da proteção que oferecia não convidava ao empresário João Diogo Sturz, que outras condições reclamava: foi essa lei com efeito reformada e ampliada pela de nº 91, mas nem assim anima o dito empresário, que me expôs ultimamente as dificuldades que encontra; estes papéis ofereço à consideração de V. Ex.

Duas grandes obras reclama altamente a província; a primeira, que desde já atrai toda a atenção, é o estado do porto desta capital, que se vai obstruindo com grandes bancos de areias que continuamente se acumulam, a ponto que nas marés baixas apenas se nota um pequeno canal que serpenteia por entre esses vastos combros. Neles naufragam anualmente grandes e pequenas embarcações com grave prejuízo da fazenda pública e particular, e se não se empregarem barcas de escavação, fechar-se-á em pouco tempo este porto ao comércio nacional e estrangeiro.

A segunda é a abertura de um canal entre o igarapé Arapapahy e Bacury, cuja planta já existe traçada e será entregue a V. Ex. Se houvesse dinheiro teria eu começado esta obra, não só pela grande vantagem que resultaria à capital, como para ocupar um grande número de braços ociosos que com a paz ficam nesta província.

Outras muitas obras de igual importância está pedindo a província, como sejam estradas, pontes, limpeza dos rios navegáveis, fontes públicas etc., e sobre isto ofereço às meditações de V. Ex. vários officios de diversas autoridades.

Tais são as mais urgentes necessidades materiais da província: quanto às morais, acima de todas se eleva a religião, de que vivem esquecidos os habitantes das vilas e dos campos, talvez por falta de sacerdotes, que poucos há, e desses poucos raros com os predicados para o santo ministério, de modo que nem há exemplo evangélico que edifique, nem pregação que cristianize.

Além das providências de que fui em parte coadjuvado pela assembléia provincial, a quem não posso negar meus agradecimentos pelo empenho com que unânime acolheu minhas propostas, dei outras cuja responsabilidade ou louvor sobre mim só devem recair. Entre estas citarei a derrocação das grandes pedras da cachoeira que tanto dificultava o livre trânsito do rio Itapucuru, onde muitas canoas naufragavam; aproveitando as pedras quebradas para o conserto da fortaleza da Vera-Cruz, que lhe fica à margem. Mandeí abrir um canal no lugar deste rio denominado Mojó. Nestas duas obras de reconhecida utilidade empreguei os escri-

vos capturados antes de serem reclamados por seus senhores, e alguns prisioneiros rebeldes, e só despendi o necessário para compra de instrumentos. Não falei no entrançamento de algumas vilas e lugares, no desencravamento e reparos novos da artilharia das fortalezas e baluarte, desmontada por ordem de meu antecessor quando temia que fosse a capital tomada pelos rebeldes, no grande conserto do palácio do governo, que achei tão arruinado que impossível era habitá-lo, no conserto e limpeza do quartel do campo de Ourique e do velho armazém da pólvora. Para não alongar este catálogo direi por fim que mandei organizar e corrigir o mapa da província com os fragmentos que obtive de mãos particulares, fiz melhorar a planta desta cidade, e mandei levantar a de Caxias com suas novas fortificações e os mapas dos rios Itapucuru e Miarim, e destes trabalhos foram encarregados o major Fernando Luiz Ferreira, o capitão José Joaquim Rodrigues Lopes, o primeiro-tenente João Vito Vieira da Silva, todo o corpo de engenheiros e o capitão Manoel Lopes Teixeira Júnior, de artilharia; e de alguns destes mapas deixo cópia na secretaria do governo.

Posto seja a guerra uma calamidade pública, e ainda mais a guerra civil, também é às vezes um meio de civilização para o futuro, e a par de seus males presentes alguns germens de benefício deixa. Pela rapidez dos movimentos e contínuas marchas comunicam-se os homens, estreitam-se as relações, e os ânimos inertes se vigoram. Algumas pontes se levantaram no teatro das operações militares; citarei, por exemplo, a da Paulica, de mais de cem pés de comprimento, feita toda pelos soldados da 2ª coluna, sem nada despender a fazenda pública. As vilas se entrancheiraram e a faxina limpou as matas de vegetação ociosa que as invadia e sobre elas acumulava os vapores contrários à saúde; ativaram-se os correios; aumentouse a necessidade de correspondência, e esta repartição rende hoje mais do que em outros tempos.

Restabelecida a paz nesta província, pedi ao governo imperial a minha demissão, e desde janeiro tenho por ela instado: e assim esperando todos os dias pelo meu sucessor, e faltando-me em tempo as necessárias informações para o relatório das necessidades da província, julguei conveniente e político adiar a abertura da assembléia provincial, e deixo por este modo a V. Ex. livre o campo para propor e reclamar sábias providências para o tempo de sua administração.

De tudo que hei dito achará V. Ex. documentos na secretaria do governo, e na memória recente de todos os maranhenses, e termino desejando que V. Ex. neles encontre o mesmo acolhimento que me foi prodigalizado. Deus guarde a V. Ex. S. Luiz do Maranhão, 13 de maio de 1841 — Illm. e Ex. Sr. Dr. João Antônio de Miranda, presidente desta província — *Luiz Alves de Lima*.